

—
Conquista institucional
Conselho Nacional certificado
conforme a norma ISO 9001:2015 _ p. 9



_ p. 12

Dê ritmo ao seu mundo



um mundo para
proteger o seu



Há imprevistos que podem mudar vidas.
Antecipe-se e subscreva o seguro Ritmo Vida
Profissional, exclusivo para membros das
Ordens e Associações Profissionais com
quem a Ageas Seguros tem protocolo.

www.ageas.pt

Ageas Portugal - Companhia de Seguros de Vida, S.A., sede Praça Príncipe Perfeito 2,
1990-278 Lisboa. Matrícula / Pessoa Coletiva 502220473. CRC Lisboa. Capital Social
10.000.000 Euros. Registo ASF 1039.

PUB. (03/2025). Não dispensa a consulta da informação pré-contratual e contratual
legalmente exigida. Existem exclusões previstas na apólice.

ritmo vida



ColorADD

Sumário

5

Editorial
A Ordem dos
Médicos no
caminho da
modernidade

9

Conselho
Nacional
certificado
conforme a
norma
ISO 9001:2015

10

Academia OM
Diagnóstico de
Necessidades
Formativas

11

Breves

13

Entrevista
LEONOR DUARTE
DE ALMEIDA
Médica e escritora:
palavra e convicção
na Associação PEN
Portugal

16

Ordem
dos Médicos
é uma
e indivisível
Carlos Cortes
foi reconduzido à
frente da instituição

23

SRNOM
Ordem com
confiança:
Bem-vindos
à vossa casa!

25

SRCOM
Ser médico hoje,
um desafio para o
futuro
Compromisso
renovado

27

SRSOM
Por uma Ordem
com futuro

29

Conselho Nacional
de Disciplina
e Conselho de
Supervisão

31

Assembleia de
Representantes

34

Atualidade
Em debate na
Ordem dos Médicos
Ato Médico e a
gestão do sistema
de saúde

35

Valores e princípios
inegociáveis
Observatório do Ato
Médico da Ordem
dos Médicos

39

Mediação OM
Ordem disponibiliza
projeto inovador
para resolução de
conflitos

41

No Dia Mundial do
Ambiente Ordem
dos Médicos lança
livro sobre *One
Health*

44

FMUP e FMUL:
dois séculos de
história, ciência e
investigação

45

European Junior
Doctors Association
reúne em Lisboa

48

Precisa-se de
políticas públicas
de investimento e
inovação

51

Entrevista

MIRIAM MAIA
DA SILVA
Um médico tem que
aliar humanismo
e conhecimento

58

Opinião

Nosocomefobia,
crise na saúde
e os 1167 espartanos

46

Ordem celebra o
Dia de Camões e
das Comunidades

50

Violência sobre
profissionais de
saúde aumentou 9%
em 2024

55

Fora de Ordem

Porque devo
investir?

59

Os Médicos na
Governança
das Instituições
de Saúde: Um
Equilíbrio Delicado

47

Palavra de Ordem

Por uma Ordem
mais aberta,
mais comunicativa,
mais próxima

61

A empatia
é essencial
e insubstituível

62

A Reforma do SNS:
Um Desafio
Inadiável



**ORDEM
DOS MÉDICOS**

Revista da Ordem dos Médicos: Ano 41 - Nº 239 - JUL./AGO./SET. 2025 | **Propriedade:** Conselho Nacional da Ordem dos Médicos | **Sede:** Av. Almirante Gago Coutinho 151, 1749-084 Lisboa | **Telefone geral da OM:** 211 517 100 | **Diretor:** Carlos Cortes - Bastonário da Ordem dos Médicos | **Diretores Adjuntos:** Eurico Castro Alves, Manuel Teixeira Veríssimo, Paulo Simões | **Diretora Executiva:** Paula Fortunato - paula.fortunato@ordemdosmedicos.pt | **Redação:** Paula Fortunato | **Editores Convidados:** Andreia Gi, António Hipólito de Aguiar, Pedro Cardoso Teixeira, Ana Rita Fradique, Ana Rita Ramalho, Miguel Roxo, João Frutuoso, Carla Simões Pereira, Catarina Fidalgo Dourado, João Massano | **Design gráfico:** Slingshot, Comunicação e Multimédia | **Paginação:** Rita Teixeira | **Redação:** Av. Almirante Gago Coutinho, 151, 1749-084 Lisboa | **Depósito Legal:** 7421/85 ISSN: 2183-9409 | **Periodicidade:** Trimestral | **Nota da redação:** Os artigos assinados são da inteira responsabilidade dos autores; os artigos inseridos nas páginas identificadas das Secções são da sua inteira responsabilidade. Em qualquer dos casos, tais artigos não representam qualquer tomada de posição por parte da Revista da Ordem dos Médicos. Relativamente ao acordo ortográfico a ROM escolheu respeitar a opção dos autores. Sendo assim poderão apresentar-se artigos escritos segundo os dois acordos.

Editorial

por CARLOS CORTES

Bastonário da Ordem dos Médicos



A Ordem dos Médicos no caminho da modernidade

A Ordem dos Médicos concretizou este ano um desígnio há muito ambicionado e aguardado: pela primeira vez o Conselho Nacional obteve a certificação do seu sistema de gestão da qualidade segundo a **ISO 9001:2015**.

Não é apenas um selo, é uma nova disciplina institucional. A auditoria reconheceu o rigor, a competência e o profissionalismo das equipas, concluindo o processo “com pleno êxito”. Este marco traduz processos mapeados, controlos definidos e indicadores claros, e projeta a Ordem dos Médicos para uma cultura de melhoria contínua que se sentirá em cada serviço prestado aos médicos e à sociedade. Para que a intervenção da Ordem seja mais forte e mais útil, é indispensável modernizá-la.

A ISO 9001:2015 assenta em princípios que nos são próprios: centralidade no utilizador, liderança, envolvimento das equipas, decisão baseada em evidência e melhoria contínua. Ao interiorizarmos estes princípios, alinhámos a Ordem com o que defendemos para a saúde: governação transparente, processos robustos, foco em resultados e prestação de contas. Nada foi automático, durante meses analisámos procedimentos, corrigimos fragilidades, redesenhámos fluxos, criamos processos de raiz fundamentais, encurtámos tempos de resposta e eliminámos redundâncias, num esforço coletivo que merece reconhecimento. A todos os envolvidos, e em particular aos colegas Filipa Lança e Júlio Bilhota Xavier, que foram o rosto de uma preparação rigorosa e exigente, fica a nossa gratidão. Esta certificação não é um ponto de chegada, mas

o novo mínimo a partir do qual devemos continuar a modernizar para manter a Ordem dos Médicos à altura do que o país nos exige. A organização interna não podia continuar a ser desvalorizada.

Daqui resultam passos claros e mensuráveis: estender progressivamente a certificação às restantes estruturas da Ordem, publicar um quadro regular de indicadores, prazos de resposta, satisfação dos médicos, tempos de emissão de certidões e deliberações, e adotar uma Carta de Serviços com padrões definidos e canais de participação acessíveis. A par disso, importa investir na qualificação contínua das equipas em áreas cruciais como gestão da qualidade, gestão do risco, proteção de dados e processo de contratação pública. O objetivo é simples e decisivo: garantir acessibilidade, transparência e

confiança. Sem dados não há confiança, sem confiança não há influência. Modernizar é, pois, a condição indispensável para que a Ordem dos Médicos intervenha com mais eficácia junto dos decisores e da sociedade.

A modernização não se esgota na ISO 9001:2015. Está em curso uma **transformação tecnológica** que redesenha a relação dos médicos com a sua Ordem: serviços eletrónicos, “balcão único virtual”, melhor gestão de dados (estamos a migrar a atual base de dados da Ordem que ainda estava em MS-DOS!), pesquisa documental e de dados mais eficaz e integração progressiva com outros serviços públicos. São mudanças muitas vezes invisíveis, mas com impacto direto no dia a dia de quem recorre ao atendimento da Ordem dos Médicos para conseguirmos menos deslocações, menos papel, respostas mais rápidas e rastreáveis. Modernizar é simplificar sem perder rigor, é libertar tempo administrativo para ganhar tempo de valor. É uma conquista complexa, demorada, ainda em construção, mas essencial.

Este impulso convive com a nossa identidade histórica. A Ordem dos Médicos é quase centenária, mas não deve ser imobilista. Modernizar a gestão não é abdicar do que somos. É consolidar alicerces para cumprir melhor a missão.

É também este o sentido do novo ciclo que agora iniciamos. Reafirmamos que “a Ordem é uma e indivisível” e defendemos a convergência e união na ação em torno de prioridades claras, uma nova carreira médica, a afirmação da liderança médica, a defesa do ato médico e a garantia da autonomia e independência da instituição e dos médicos. Queremos uma Ordem construtiva, exigente e agregadora, plural e responsável, e que, porque moderna, se torne também mais influente e interventiva.

Qualidade na Ordem implica qualidade na prática. Foi neste espírito que nasceu o **Observatório do Ato Médico**, recentemente criado para proteger as pessoas e salvaguardar atos que exigem competência exclusivamente médica. A sua missão é clara: identificar riscos, monitorizar sinais de intrusismo, mapear áreas vulneráveis e agir com prontidão sempre que esteja em causa a

segurança dos doentes e a usurpação de funções. O Observatório não é apenas um mecanismo de vigilância, é também um espaço de análise e de orientação, que articula ciência, ética e regulação para prevenir desvios e reforçar a confiança da sociedade na medicina. Ao combater o exercício ilegítimo da atividade médica com instrumentos técnicos e objetivos, garante-se a defesa da ciência, da ética e da segurança clínica, pilares essenciais para uma prática médica moderna, transparente e responsável.

A **Mediação OM** (instrumento à disposição de todos os médicos para substituir os processos disciplinares em processos de mediação e arbitragem) acrescenta uma justiça de proximidade, confidencial e célere, que evita processos disciplinares penosos e demorados sempre que a mediação permite alcançar entendimento. Atua na prevenção de conflitos, fortalece as equipas e devolve serenidade ao exercício profissional. Embora ainda poucos médicos tenham recorrido a este instrumento, os resultados são muito encorajadores. Em quase todos os casos em que foi utilizado, a queixa no Conselho Disciplinar acabou por ser retirada.

Reafirmamos que “a Ordem é una e indivisível” e defendemos a convergência e união na ação em torno de prioridades claras, uma nova carreira médica, a afirmação da liderança médica, a defesa do ato médico e a garantia da autonomia e independência da instituição e dos médicos. Queremos uma Ordem construtiva, exigente e agregadora, plural e responsável, e que, porque moderna, se torne também mais influente e interventiva.

No plano da saúde pública, reforçamos a **visão One Health**, reconhecendo que a saúde humana não pode ser dissociada da saúde animal e da preservação do ambiente. O lançamento do livro “*As Ordens e a One Health*”, no Dia Mundial do Ambiente, simboliza esse compromisso, afirmando a cooperação interprofissional e a responsabilidade partilhada. As grandes ameaças do nosso tempo, das alterações climáticas à resistência antimicrobiana, exigem políticas integradas, visão estratégica e ação concertada. Modernizar a Ordem dos Médicos é também dotá-la de conhecimento, redes e instrumentos que lhe permitam assumir um papel ativo e de liderança nesta agenda, influenciando políticas públicas e contribuindo para soluções sustentáveis que protejam a saúde das gerações futuras.

A confiança das pessoas exige proteção efetiva de quem cuida. Os dados mais recentes mostram um agravamento da violência contra médicos e equipas de saúde, fenómeno intolerável que mina a relação médico-doente e fragiliza todo o sistema. “Tolerância zero” não pode ser apenas um slogan, tem de traduzir-se em prática concreta. Prevenção, reforço das condições de segurança nas unidades, triagem de risco, sistemas de alarme, reporte obrigatório e apoio pós-incidente são medidas essenciais, a par de um regime jurídico sancionatório verdadeiramente dissuasor. Proteger quem cuida é condição indispensável para cuidar melhor. É também neste quadro que surge o **Gabinete Nacional de Apoio ao Médico**, criado pela Ordem para prestar apoio imediato, orientação e acompanhamento aos colegas em situação de violência, assédio ou *burnout*. Uma Ordem dos Médicos moderna não se limita a denunciar, tem protocolos, dados e uma rede de resposta capaz de agir com rapidez, apoiar os médicos em dificuldade e intervir junto das autoridades competentes.

Capacitar para liderar e para melhorar conhecimento e desenvolvimento profissional são eixos centrais deste mandato. A **Academia OM** será uma plataforma aberta a todos os médicos, oferecendo percursos formativos em áreas como gestão clínica, ética, comunicação clínica, formação de formadores e outras. A Academia OM pretende responder às exigências formativas do presente e antecipar as do futuro promovendo também a certificação dos múltiplos cursos e formações existentes. Tal como a melhor evidência científica, também a melhor formação exige atualização contínua e aplicação imediata no terreno.

Iniciámos um novo ciclo com objetivos claros, alargar a certificação ISO, consolidar a gestão assente em indicadores, desburocratizar procedimentos, concluir a transição digital, defender o ato médico, construir uma Nova Carreira Médica, reforçar a literacia em saúde e afirmar ainda mais a influência técnico-científica da Ordem no debate público. Este caminho será percorrido com diálogo e orientado por firmeza e esclarecimento.

Esta edição da ROM reflete bem essa ambição. Reforça a nossa identidade científica através da **Acta Médica Portuguesa** e desafia cada médico a produzir investigação com aplicação prática. Valoriza também o reconhecimento público dos médicos como a profissão em que os portugueses mais confiam, uma confiança que assenta diariamente, na proximidade, na ética e na qualidade da atividade médica. Ao mesmo tempo, abre espaço para o debate sobre inovação e inteligência artificial, interoperabilidade, integração de dados e telessaúde. Para que estas ferramentas sirvam a saúde, é indispensável uma governação clínica clara, com explicabilidade, supervisão médica, avaliação por resultados e a proteção da relação médico-doente. Um verdadeiro “Simplex da Saúde” é condição essencial para que a inovação se traduza em melhor cuidado, em menos burocracia e mais tempo clínico.

Uma Ordem moderna deve estar ao lado desta transformação com ética e humanismo, potenciando-a e amplificando a sua intervenção pública.

Iniciámos um novo ciclo com objetivos claros, alargar a certificação ISO, consolidar a gestão assente em indicadores, desburocratizar procedimentos, concluir a transição digital, defender o ato médico, construir uma Nova Carreira Médica, reforçar a literacia em saúde e afirmar ainda mais a influência técnico-científica da Ordem no debate público. Este caminho será percorrido com diálogo e orientado por firmeza e esclarecimento.

A Ordem dos Médicos será cada vez mais moderna e transparente, capaz de responder com rigor às exigências do presente e de preparar os desafios do futuro. Honramos a história, mas não ficamos presos a ela, é do património de quase um século que retiramos a força para acelerar a mudança. A modernidade que defendemos não é moda passageira, é instrumento de autoridade, credibilidade e confiança. Como escreveu Miguel Torga, “o universal é o local sem paredes”, a excelência nasce na casa de cada um, no cuidado com o detalhe, na fidelidade aos princípios, e só depois se projeta para o mundo. É esse o caminho que escolhemos para a Ordem dos Médicos, transformar a exigência interna em influência externa, para que cada médico se sinta representado e cada pessoa confie na voz da Medicina.

Conto convosco.

Conquista institucional: Conselho Nacional certificado conforme a norma ISO 9001:2015



Pela primeira vez, o Conselho Nacional da Ordem dos Médicos foi auditado com êxito depois de um rigoroso processo que avaliou transversalmente os vários departamentos e que foi concluído no dia 24 de junho de 2025 com a atribuição da certificação conforme a norma ISO 9001:2015. Esta foi uma importante conquista institucional, que a instituição procurava há vários anos mas que só agora, durante os mandatos liderados por Carlos Cortes, conseguiu alcançar.

O relatório de auditoria realçou a dedicação de todas as pessoas da equipa dos Conselho Nacional que demonstraram rigor, competência e um profissionalismo exemplares ao longo de todo o processo de auditoria. A demonstração de implementação de boas práticas de gestão de qualidade valeram à Ordem a conclusão “do processo certificação com pleno êxito” de acordo com as palavras de Carlos Cortes, Bastonário da Ordem dos Médicos.

O certificado ISO 9001:2015 é uma norma internacional que, quando aprovado, representa o compromisso de empresas ou instituições com a qualidade e espelha a melhoria contínua dos seus processos e o bom desempenho da organização.

A Ordem dos Médicos atingiu assim esta importante conquista institucional, que procurava há vários anos, e que contribui cada vez mais para a sua evolução qualitativa. A procura e obtenção desta certificação demonstra o compromisso da

atual direção com padrões de excelência institucional. Este reconhecimento só foi possível em virtude de um trabalho rigoroso e colaborativo entre os diversos setores da Ordem, refletindo a implementação de práticas eficientes, transparentes e centradas na satisfação das necessidades dos médicos e da sociedade em geral.

Com mais este passo em busca de cada vez maior rigor qualitativo, a Ordem compromete-se em ser cada vez mais uma instituição moderna, responsável e orientada para resultados que se pretende que sejam cada vez mais consistentes. Ao alcançar esse objetivo, a Ordem assume simultaneamente o compromisso de continuar a implementação de padrões “de qualidade e excelência” como afirmou o dirigente máximo da Ordem dos Médicos.

A obtenção da certificação ISO 9001:2015 reforça a posição da Ordem dos Médicos como

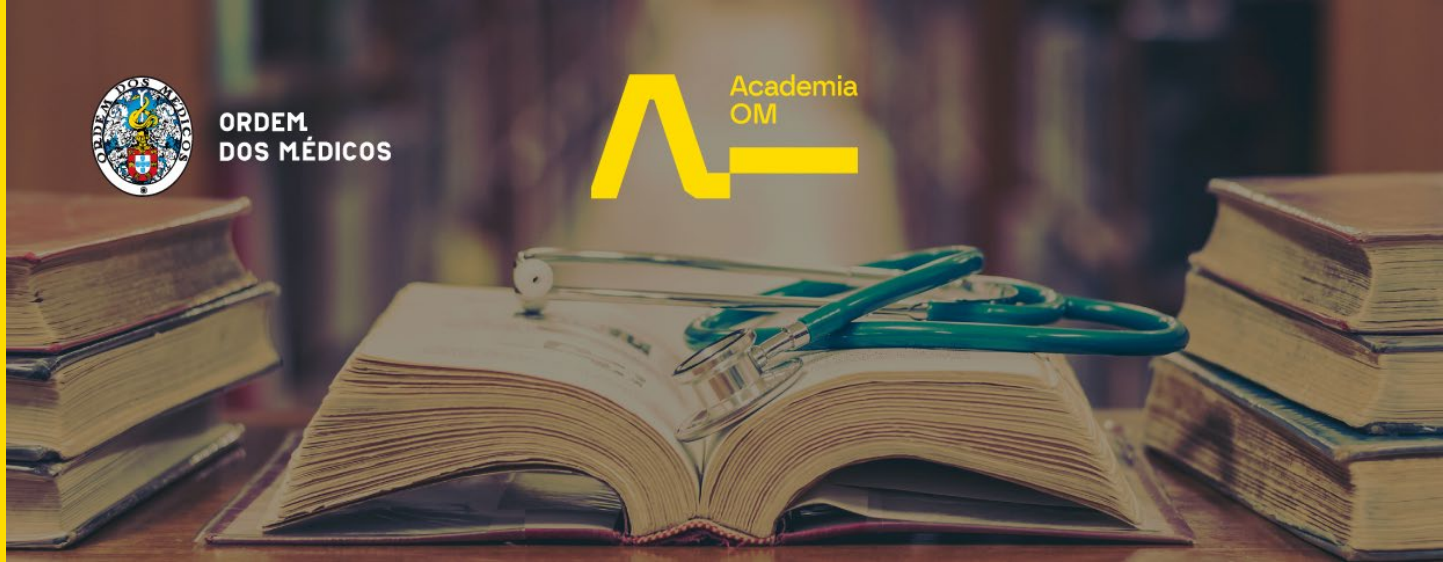
uma instituição de referência no âmbito da saúde, capaz de conjugar tradição e modernidade na gestão de processos internos.

Este selo de qualidade não só valida a eficácia das práticas implementadas, como também evidencia o compromisso contínuo com a transparência, a responsabilização e a melhoria de serviços prestados aos profissionais de saúde. Mais do que um marco simbólico, esta certificação consolida uma cultura organizacional orientada para resultados mensuráveis e sustentáveis, promovendo a confiança dos médicos, parceiros institucionais e da sociedade em geral.

A certificação agora recebida é motivo de orgulho, mas também um incentivo adicional para que a Ordem continue a evoluir, investindo em formação, inovação e processos cada vez mais eficientes, garantindo que os seus padrões de excelência sejam mantidos e continuamente aperfeiçoados.



ORDEM
DOS MÉDICOS



ACADEMIA OM

Diagnóstico de Necessidades Formativas

No âmbito do Projeto ACADEMIA OM, criado pela atual direção, a Ordem dos Médicos está a divulgar um formulário destinado a recolher informação sobre as principais necessidades formativas sentidas pelos médicos. A Academia OM é uma iniciativa considerada central para a dinamização de uma das áreas definidas pelo Bastonário Carlos Cortes como as mais importantes da atuação da instituição: o apoio à formação profissional contínua de todos os médicos.

A criação e implementação da Academia OM, orientada para o desenvolvimento de diversas competências, formação contínua e apoio à investigação, foi um ponto central do programa de ação da candidatura de Carlos Cortes a Bastonário da Ordem dos Médicos. Esta iniciativa que pretende aproximar ainda mais a oferta formativa das reais expectativas e exigências da profissão médica já está a ser desenvolvida.

Para isso está a ser feito um levantamento que permitirá identificar áreas prioritárias, desde competências técnicas e científicas até formações transversais de gestão, liderança ou comunicação clínica.

Com base nos resultados, a OM pretende construir uma oferta formativa direcionada, flexível e acessível, ajustada às diferentes fases da carreira médica e às novas exigências do setor da saúde.

Através desta auscultação, será possível desenvolver programas que promovam a atualização contínua de conhecimentos, essenciais para a qualidade da prática clínica e para a valorização da carreira.

O projeto ACADEMIA OM traduz-se assim num instrumento estratégico de capacitação, apostando na inovação e na criação de

oportunidades de aprendizagem que façam a diferença e que vão de encontro às expectativas dos colegas.

Com a participação de todos, será possível estruturar um plano de ação sólido, consistente e com verdadeiro impacto para a profissão e para o sistema de saúde.

Participe [aqui](#).



Breves



Plano para o setor da saúde: o importante é a concretização

Numa análise ao programa de Governo, o Bastonário Carlos Cortes alertou que, por tocar praticamente todas as áreas da saúde, deixa a dúvida legítima se as propostas são ou não exequíveis, sobretudo as mais complexas como a revisão da Lei de Bases da Saúde. Alguma falta de foco nos problemas mais urgentes – como a “prova de fogo” que se aproxima com a chegada do verão que gera sempre dificuldades acrescidas ao nível do acesso aos serviços de saúde – pode aumentar o problema central do SNS: a fuga de profissionais, nomeadamente os médicos especialistas, para o setor privado, social ou para o estrangeiro. O representante dos médicos considera prematuro o aprofundamento desta análise pois é preciso ver como será a concretização dos pontos mais importantes do programa, designadamente a promessa de revisão da carreira médica que pode ser um fator de atratividade para os novos médicos. “Agora temos que esperar pela concretização destas medidas, nomeadamente a revisão da carreira médica, que é um aspeto muito importante para a captação dos médicos necessários ao Serviço Nacional de Saúde”. Com esta menção feita à Rádio Observador, Carlos Cortes frisa que o impacto real das medidas só será conhecido com a sua implementação efetiva no terreno, colocando a expectativa na aplicação prática e não apenas no plano teórico.

5^as Jornadas da Competência em Patologia Experimental

A abertura da quinta edição das Jornadas da Competência em Patologia Experimental da Ordem dos Médicos, que decorreu no dia 10 de maio, contou com a presença do Presidente do Conselho Regional do Sul e a intervenção online do Bastonário, Carlos Cortes.

[LER NOTÍCIA →](#)



Cerimónia de entrega dos prémios - Campanha Saúde e Bem-Estar dos Médicos

O Gabinete Nacional de Apoio ao Médico (GNAM) organizou um concurso para definição da imagem para a Campanha Saúde e Bem-Estar dos Médicos desse gabinete. A cerimónia de entrega dos prémios decorreu dia 19 de março 2025, na Biblioteca da Ordem dos Médicos em Lisboa.

[LER NOTÍCIA →](#)



Que contributos da Inteligência Artificial para a Psiquiatria Forense?

No dia 28 de maio de 2025 decorreu em Lisboa a tertúlia “Que contributos da Inteligência Artificial para a Psiquiatria Forense?”, organizada pela Secção de Psiquiatria Forense da Ordem dos Médicos. A iniciativa realizou-se em formato híbrido (presencial, no auditório da Ordem dos Médicos, e online).

A sessão contou com as intervenções de:

- Fernando Ventura. Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça (Diretor do Centro de Estudos Judiciários);
- João Leite (Head of Department of Computer Science da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA de Lisboa);
- Susana Barrambana (Especialista em MGF e Medical Manager na Tonic Easy Medical).



Dia do Médico 2025

“É um dia para relembrar a cada vez maior importância do médico no sistema de saúde, catalisador duma prática profundamente humana, alicerçada na relação médico-doente. Apesar das dificuldades e dos desafios atuais, já conhecidos por todos nós, cada um de vós representa um pilar inabalável na defesa da saúde e da dignidade humana.

Hoje homenageamos a nossa escolha em servir os outros, quem optou por dedicar a sua vida a prevenir, cuidar e tratar das pessoas. Deixo-vos uma mensagem de agradecimento neste dia tão importante, como testemunho da honra e da responsabilidade que sinto por me terem escolhido para vos representar como Bastonário da Ordem dos Médicos”, expressou Carlos Cortes na sua mensagem que pode ser vista no canal de Youtube da Ordem dos Médicos.

ASSISTIR
AQUI →



Médicos: profissão de confiança dos portugueses

A 25.ª edição do estudo “Marca de Confiança” promovido pela revista Selecções do Reader’s Digest, avaliou uma vez mais a perceção dos portugueses em relação a várias áreas do seu quotidiano.

Segundo os dados desse estudo, os médicos mantêm-se como os profissionais que inspiram mais confiança, reunindo 46% das respostas, seguidos pelos bombeiros e professores. Esta preferência ganha relevo num ano marcado por fortes desafios no Serviço Nacional de Saúde e que só têm sido ultrapassados graças ao desempenho dos médicos. Já os políticos continuam, pelo 25.º ano consecutivo, a ocupar os últimos lugares no índice de confiança, refletindo persistentes dificuldades de conexão com as pessoas.

Já em edições anteriores do estudo “Marcas de Confiança”, os portugueses tinham manifestado a confiança nos médicos e haviam reconhecido Elvira Fortunato pelo seu trabalho em prol da Investigação Científica, tal como voltou a acontecer em 2025. Patrícia Pacheco, Secretária do Conselho Nacional da Ordem dos Médicos, recebeu o prémio em representação do Bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes.

Entrevista

por PAULA FORTUNATO

fotografias ESFERA DAS IDEIAS e PAULA FORTUNATO

Leonor Duarte de Almeida

MÉDICA E ESCRITORA: PALAVRA E CONVICÇÃO
NA ASSOCIAÇÃO PEN PORTUGAL

Na confluência entre ciência e literatura, Maria Leonor Duarte de Almeida coloca sempre no centro o que verdadeiramente importa: a vida, a ética, a amizade e a gentileza. São esses traços que se revelam logo no primeiro encontro com esta médica oftalmologista que é também professora universitária, mestre e doutorada em Bioética, escritora de ficção e de ensaio, mãe, avó, feminista serena e mulher de empenho social.

Leonor traz consigo a marca de quem acredita que a justiça não se impõe pelo confronto, mas pela firmeza tranquila de uma convicção inabalável. Assim construiu a sua carreira médica – e literária – rodeada de bons amigos, de pessoas que admiram essa postura e a respeitam por não precisar de exibir pergaminhos para se afirmar entre pares. Na literatura foi fazendo o seu caminho, primeiro em silêncio, para si mesma, até que em 2002 decidiu partilhar a sua voz com o mundo. Desde então publicou seis livros de ficção e um ensaio sobre Autonomia em Bioética participando ainda em várias obras colectivas, como entre outras, Os Dias da Peste,



As Cores da Liberdade, Escrevinhar a pensar a Bioética, ou Conselho Disciplinar da Ordem dos Médicos, visão médica e jurídica.

Conquistou o reconhecimento da crítica e distinções como o Prémio Revelação da SOPEAM sendo seleccionada para o prémio de Novos Autores Portugueses do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. É membro da SOPEAM – Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos, da Associação Portuguesa de Escritores e do PEN Clube Português, atual Associação PEN Portugal, tendo sido responsável

cultural da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia durante vários anos, integrando ainda o blogue “De outra maneira”.

Leonor Duarte de Almeida foi eleita presidente da Associação PEN Portugal, cargo que assumiu a 30 de maio de 2025. Fundado em 1978, o PEN é muito mais do que um espaço de encontro entre escritores: é casa da liberdade de expressão, da defesa dos direitos humanos e da circulação da palavra sem fronteiras. Ao longo de 46 anos de atividade, tem sido ponte entre culturas, gerações e geografias, preservando património cívico e literário,

promovendo a diversidade linguística e alimentando a cooperação internacional. Uma instituição que lhe “assenta como uma luva”. Num tempo em que a palavra – e o direito a usá-la – continua a ser território de disputa.

Conversámos com Leonor Duarte de Almeida para conhecer as suas ideias e o que sente uma médica ao assumir a liderança de uma organização de “poetas, ensaístas, narradores e tradutores livres”.

A constituição do PEN Portugal acontece logo após o 25 de Abril. O que significa para si presidir a uma instituição que nasceu com a liberdade?

É sobretudo uma responsabilidade. A conquista da liberdade de expressão e o respeito pelos direitos humanos subjacentes à prática democrática puseram fim às tentativas goradas, antes do 25 de abril, da constituição do PEN, como organização de poetas, ensaístas, narradores e tradutores livres. Na sua escritura esteve presente o médico escritor

Fernando Namora para além de Ana Hatherly, Ernesto Melo e Castro e Pedro Tamen, enquanto membros fundadores do PEN. É um privilégio poder continuar esse legado.

O PEN tem uma dimensão também fortemente cívica e democrática. Acredita que os escritores, têm hoje uma responsabilidade pública maior do que noutros tempos?

Os escritores estão inseridos no mundo que os rodeia, com um olhar atento e crítico sobre os fenómenos humanos tanto sociais e políticos como ambientais, existentes no planeta que habitamos e que aparentemente parece ser o único com vida. Essa sensibilidade traduz-se inevitavelmente na escrita e consequente maior responsabilidade pública.

E como analisa a responsabilidade social dos médicos?

Os médicos por inerência da profissão estão mais próximos da vulnerabilidade alheia, tanto adjectiva como condição passível de ser alterada, como substantiva e inerente a todo o ser humano, capaz de ser ferido. A relação médico-doente é uma caixa de ressonância entre protagonistas que se olham frente a frente, que se compreendem, e dialogam sendo que um deles está ali para ajudar o outro, embora a emoção presente em ambos seja contagiante. Esse encontro disponibiliza os médicos para entender o outro de um modo mais profundo e abrangente. Talvez por isso muitos médicos sejam também escritores.

Participou na coletânea organizada pelo PEN “Os Dias da Peste” que juntou 272 escritores de 58 países, em plena pandemia. Sente que nesse livro se estabeleceu um diálogo entre diferentes culturas e sensibilidades?

Senti que os dias da peste criaram nos participantes dessa obra sentimentos semelhantes de surpresa, interrogação, dúvidas, insegurança, medo, compaixão e resiliência, mas sobretudo, de esperança num diálogo abrangente que remeteu para outras pestes, expresso em modo de poesia, de narrativa, ou de ensaio. Curiosamente fomos apenas sete os médicos escritores presentes nesta notável colectânea, mas senti nela uma voz única a expressar-se: a voz da sobrevivência, como no livro de Camus.

Referiu-me a sua visão da importância de uma interação “cúmplice entre jovens e seniores”. Na prática, como é que o PEN – a que agora preside – pretende promover essa partilha intergeracional?

Procuraremos realizar palestras criativas que incluam elementos de gerações diferentes, com as suas próprias idiossincrasias e preocupações. E promover livros ou grupos de intervenção cultural de poetas e escritores jovens a dizerem poemas ou textos de autores de renome, numa voz de continuidade e vice-versa. A Associação PEN Portugal como nos mandatos anteriores irá publicar um livro temático onde participarão os associados que o desejarem, uma forma de divulgação dos autores. É certo



que existem hoje em evolução sociedades de jovens escritores a nível internacional tal como nas nossas sociedades científicas, o que é importante para a sua mobilização para a escrita numa perspectiva de preservar o futuro da literatura, mas acredito que se alargam horizontes para todos se houver em paralelo essa colaboração intergeracional.

Num mundo marcado por algoritmos e inteligência artificial, não teme que o papel da cultura seja esvaziado?

O que a inteligência artificial faz muito bem é a simulação, que, como diz António Damásio, é uma pálida ideia daquilo que é a inteligência humana no seu real. Realmente o ser humano, relativamente aos sentimentos, não pode ser replicado. Por outro lado, a criatividade humana é incomensurável e capaz de gerar arte envolvendo os sentimentos de um ser humano transpondo para um robot, emoções e conceitos que no fundo são próprios dos humanos. Uma espécie da quinta dos animais transportada para a vida de relação emocional com robots. George Orwell escreveu essa inquietante história personificada por animais a que atribuiu defeitos e comportamentos estranhos para criticar a sociedade. Mas também tranquilizava o leitor, por usar animais falantes como protagonistas, distantes de todos nós (tal como os robots). A literatura poderá sempre ser um meio de alerta para o risco do comportamento humano igualar o dos animais de Orwell ou o dos robots *que in extremis* destruirão a terra.

Tem um percurso digno de nota a vários níveis, nomeadamente na medicina, na área do conselho disciplinar da Ordem dos Médicos, na ética e sem dúvida, na cultura. O que é que ainda a motiva, hoje, a continuar este trabalho associativo e de promoção cultural? É o mesmo que a leva a continuar a trabalhar como médica oftalmologista?

Sim, provavelmente. A cumplicidade para com os outros enquanto puder, a curiosidade pelo que me rodeia, o entusiasmo sentido em cada desafio e empreitada onde me envolvo, e a capacidade de ainda me conseguir espantar explicam talvez esse movimento que há em mim e que me motiva a continuar.



Tema de Capa

textos PAULA FORTUNATO

Ordem dos Médicos é una e indivisível Carlos Cortes foi reconduzido à frente da instituição

TOMADA DE POSSE | QUADRIÉNIO 2025-2029

No dia 26 de junho de 2025, tomou posse como Bastonário da Ordem dos Médicos o patologista clínico Carlos Cortes, reconduzido para um novo mandato à frente dos destinos da instituição com 12376 votos. No discurso de tomada de posse, o dirigente deixou clara a sua determinação e sentido de missão nomeadamente quanto à defesa do SNS que “atravessa um momento crítico sem precedentes”. “Temos o dever ético e cívico de o proteger, defender e fortalecer.” Mas estes deveres de humanismo inerentes ao que é ser médico ultrapassam a dimensão nacional como também fez questão de frisar: “Não há direitos humanos sem saúde e não há saúde sem direitos humanos”, instou num discurso que apelou à ação consequente em prol da construção de um rumo para a saúde em que a Ordem dos Médicos tem que ser valorizada como o parceiro estratégico que é.



Após o encerramento da plataforma eleitoral a 3 de junho de 2025, apuraram-se as votações que foram comunicadas às mesas das assembleias eleitorais competentes. Na sede da Ordem dos Médicos, em Lisboa, o Presidente da mesa da assembleia eleitoral, João de Deus, anunciou publicamente os resultados, conforme extraídos da plataforma de votação eletrónica: Carlos Cortes foi reeleito para o cargo de Bastonário da Ordem dos Médicos tendo obtido 6910 votos na Região Norte, 2028 votos na Região Centro e 3438 votos na Região Sul.

O mesmo universo eleitoral de médicos votantes elegeu José Torres da Costa para o cargo de Presidente do Conselho Regional do Norte (com a Lista C a obter 4968 votos junto dos eleitores da Região Norte), Manuel Teixeira Veríssimo foi reconduzido no cargo de Presidente do Conselho Regional do Centro (com a Lista A a obter 1846 votos nesse Conselho Regional) e Paulo Simões para o cargo de Presidente do Conselho Regional do Sul (com a Lista A a obter 3194 votos nesta região). Os resultados do apuramento final, incluindo as listas nominais da Assembleia de Representantes e para os órgãos criados por força do novo estatuto (Conselho de Supervisão e Conselho Nacional de Disciplina) estão disponíveis e podem ser objeto de consulta no site oficial da Ordem dos Médicos. Nas próximas páginas referimos algumas das cerimónias de tomada de posse dos órgãos eleitos para o quadriénio 2025-2029, começando com a cerimónia de empossamento do Bastonário Carlos Cortes.

A Ordem dos Médicos como parceiro estratégico

A João de Deus, Presidente da Comissão Eleitoral Nacional, coube a abertura da cerimónia solene e o ato de conferir posse a Carlos Cortes, Bastonário da Ordem dos Médicos reeleito para o quadriénio 2025-2029. Nas palavras introdutórias, João de Deus enalteceu as qualidades de liderança de Carlos Cortes, convicto que a sua voz “será ouvida e respeitada pelos responsáveis pelas políticas de saúde”. Perante centenas de pessoas que se deslocaram à Ordem dos Médicos para assistir a esta cerimónia, Carlos Cortes deixou a promessa de “propostas concretas” para ajudar a saúde a ter um novo rumo, um rumo em que se invista numa carreira médica “sustentada na competência, no mérito e na equidade”, um rumo que invista na investigação e na formação. “Um rumo que promova políticas sustentáveis” e “que torne a saúde uma verdadeira prioridade nacional”. A promessa de “uma ordem construtiva e agregadora”, em que o compromisso humanista e a dedicação absoluta à vida e ao próximo são parte do seu rumo e marcaram toda a sua intervenção. Numa intervenção que, mais do que um discurso solene, foi manifesto de princípios e guia para um novo rumo para a medicina portuguesa, Carlos Cortes frisou o significado do momento: “É com profunda honra que tomo posse, uma vez mais, como Bastonário da Ordem dos Médicos”, num sinal de gratidão a todos os médicos que votaram em si mas também de consciência da responsabilidade que o cargo acarreta, assumindo

a missão de honrar a confiança demonstrada pela maioria dos colegas de norte a sul do país.

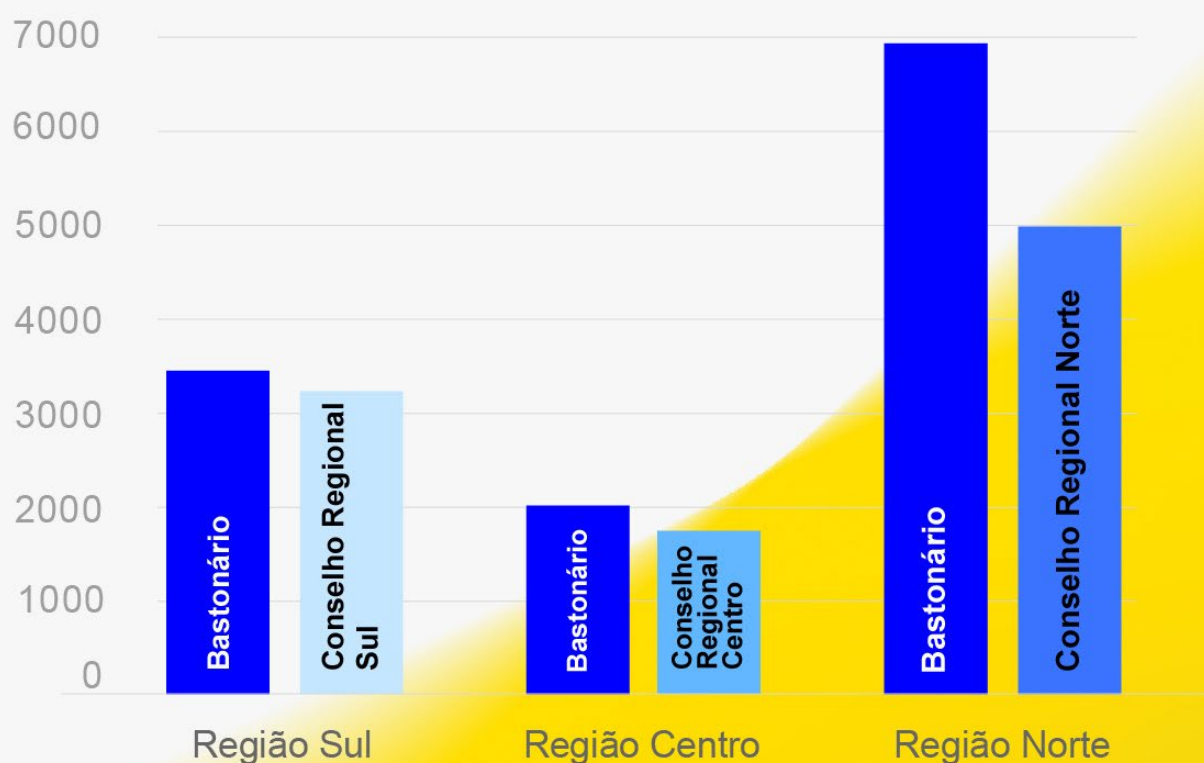
Um olhar sobre o mundo e sobre Portugal

Num momento em que o país enfrenta desafios estruturais no setor da saúde - pressão crescente sobre os serviços do SNS, hospitais sobrecarregados por dívidas, centros de saúde a precisar de reestruturação, escassez de profissionais e necessidade urgente de reformas legislativas - torna-se essencial ouvir quem está no terreno e conhece profundamente a realidade clínica. É neste contexto que se destaca a reflexão de que “sem um SNS forte”, a equidade nunca passará de uma palavra sem concretização.

Na sua intervenção, Carlos Cortes demonstrou uma visão ampla, capaz de ligar os desafios globais às urgências nacionais. “Em 2025, o mundo enfrenta uma profunda crise e instabilidade marcada por guerras na Europa e no Médio Oriente, perda das referências geopolíticas e crises humanitárias”, lembrou, sublinhando que a Ordem dos Médicos deve sempre afirmar-se pela defesa da paz e dos direitos humanos, numa reflexão humanista que marcou também o seu primeiro mandato e que traduz o verdadeiro fundamento do que é ser médico. “Não há direitos humanos sem saúde e não há saúde sem direitos humanos”, afirmou o Bastonário, mostrando como a saúde não é apenas uma questão técnica, mas a base da dignidade humana e do avanço social.

Com lucidez crítica mas também sinal de humanismo e profunda preocupação com o bem estar dos doentes mas também dos médicos – e outros profissionais de saúde – que dão vida ao SNS, Carlos Cortes foi perentório ao dirigir-se à Ministra da Saúde: “Defenderemos sem cedências, ou ambiguidades, que a nova Lei de Bases consagre os princípios que consideramos irrenunciáveis: a universalidade e equidade no acesso a qualidade e segurança dos cuidados, a valorização dos médicos e a responsabilidade do Estado em promover um SNS eficiente e humano. Seremos uma voz sem preconceitos ideológicos, independente e técnica, com visão humanista e clínica, a aconselhar os legisladores para que o novo enquadramento legal da saúde sirva verdadeiramente os interesses das pessoas e dos profissionais” e para que haja realmente “um novo rumo para a Saúde”. Nessas palavras sobre a atualidade política, Carlos Cortes mencionou ainda que a revisão da Lei de Bases da Saúde é “um processo decisivo em que a Ordem dos Médicos conta participar colocando a sua experiência e visão ao serviço de uma melhor legislação”.

Votação Bastonário e Conselhos Regionais



O Serviço Nacional de Saúde no centro das preocupações

Com clareza, Carlos Cortes não deixou de falar sobre a crise que atravessa atualmente o Serviço Nacional de Saúde: “O SNS atravessa um momento crítico sem precedentes. Temos o dever ético e cívico de o proteger, defender e fortalecer”. Esta é uma das frases que marcaram a sua intervenção firmando um compromisso inequívoco com o bem comum. Sobre o significado do SNS, Carlos Cortes lembrou os avanços e conquistas que se alcançaram na saúde desde 1979 e alertou para os riscos de retrocesso. “Os médicos querem tratar, mas faltam gabinetes, blocos ou agenda. A pobreza também é a doença oculta detrás das doenças”, disse. Das suas palavras retiramos o alerta que não basta diagnosticar as dificuldades que o sistema enfrenta, é preciso propor caminhos, soluções, um rumo. “Queremos reformas estruturais, reorganização das urgências, instituição de uma nova carreira médica mais atrativa, incentivos para fixação de especialistas e garantia de liderança médica nas ULS”. Um plano claro, traçado por quem acredita que a saúde precisa de soluções concretas e ação e não apenas de promessas e palavras.

A defesa da dignidade da profissão médica

Em tempos de grandes desafios institucionais, Carlos Cortes deixou também um aviso firme relativamente à autonomia da Ordem dos Médicos e como pretende defendê-la em todas as circunstâncias.

“Esta autonomia constitui um pilar essencial para a segurança dos doentes, garantindo que a regulação médica se alicerce no rigor científico e ético e não em interesses político-partidários”. Num tom igualmente humano, e porque o sistema não existe sem as pessoas que o sustentam, o Bastonário não esqueceu os médicos que enfrentam condições de trabalho muito difíceis no dia-a-dia mas que continuam a dar o seu melhor em prol dos doentes: “É imperativo implementar políticas que previnam ativamente o *burnout* e assegurem um ambiente de trabalho seguro e saudável”.

Por um novo rumo na Saúde

“Entre os nossos projetos para o mandato, como a Academia OM, a Literacia, a revisão do enquadramento jurídico do Internato Médico, a publicação da tabela de nomenclatura e valores relativos dos atos médicos, a informatização da Ordem dos Médicos, a agenda curricular do médico, a aprovação do novo Código Deontológico, entre muitos outros, destaco o Fórum ‘Um Rumo para a Saúde’”. Mais do que um simples projeto entre outros, o Bastonário estaca este fórum como a peça central do seu mandato, um espaço destinado a ser a grande plataforma de debate e construção de soluções para o futuro do sistema de saúde português. “Um amplo espaço de reflexão, debate e construção que reunirá médicos, profissionais de saúde, académicos, decisores políticos e sociedade civil”, explicou, deixando claro que a

Ordem dos Médicos não será apenas voz crítica, mas também motor de propostas concretas e inovadoras. “Precisamos de um rumo para a saúde que reconheça plenamente o valor dos médicos”. Não é apenas um programa, mas uma visão para Portugal. Citando Albert Camus, recordou que “cada geração sente-se condenada a refazer o mundo. No entanto, a minha geração sabe que não irá refazer o mundo. A sua tarefa consiste em impedir que o mundo se desfaça”. Uma citação que espelha a sua forma de ver a medicina e as ameaças atuais: uma missão que protege, cuida e constrói futuro.

A chama da medicina humanista

Ao longo do discurso, Carlos Cortes não esqueceu o papel decisivo da família, revelando a dimensão humana que sustenta a sua liderança. “São a energia do meu percurso. A eles e a toda a minha família aqui presente dedico hoje e sempre este momento tão especial.”

Quase a concluir, Carlos Cortes evocou as palavras de João Lobo Antunes: “A nova Medicina exige um novo médico. Mulheres e homens dedicados e íntegros, imbuídos do sentido do dever e do sacrifício, corajosos na luta, humildes na vitória, inconformados na derrota...”. Ao retomá-las, o Bastonário acrescentou um elemento fundamental: “...e médicos que sejam valorizados e respeitados”, dando voz às exigências atuais da profissão: reconhecimento, dignidade e respeito.

O Bastonário foi igualmente claro na sua visão de que a verdadeira transformação da saúde só pode ser alcançada com esforço coletivo. “Recordo-vos que nada fazemos sós e que cada gesto conta, cada ato médico bem feito, cada médico interno bem orientado, cada injustiça corrigida, cada reunião realizada, cada projeto concretizado. Somando estes esforços individuais, conseguiremos vitórias coletivas significativas em benefício de todos os médicos, mas sobretudo das pessoas e dos doentes”, disse, demonstrando bem a sua visão agregadora em que a soma dos esforços individuais pode conduzir a vitórias coletivas.

Porque, como referiu nas tomadas de posses dos restantes órgãos eleitos, “a Ordem é uma”. Com estas afirmações, Carlos Cortes deixou uma mensagem de cooperação e união na qual reforçou que cada contributo individual, por mais pequeno que pareça, é indispensável para que a medicina portuguesa avance e para que o SNS se fortaleça numa convocatória ao trabalho conjunto.

Carlos Cortes concluiu com uma exclamação simples, mas que resume o espírito do seu discurso: paixão pela profissão, respeito pela comunidade médica e compromisso com os doentes. “Viva a medicina!”

Vídeo da Cerimónia
de tomada de posse
do Bastonário
da Ordem dos
Médicos:





Transparência e respeito

Ana Paula Martins, Ministra da Saúde, presente na cerimónia enquadrou a sua relação com a Ordem dos Médicos: “defendemos sem reservas uma relação transparente e de respeito com todas as ordens profissionais e com todos os seus dirigentes”, garantiu. Mesmo perante interpretações diferentes do presente, o importante é o percurso em conjunto de um caminho onde devemos “trabalhar permanentemente para ultrapassar as metas que já atingimos”. Sobre o relacionamento institucional, Ana Paula Martins frisou que será “uma relação tão mais forte quanto mais leal for”. “O seu sucesso será o sucesso do SNS, do sistema de saúde e de todos os portugueses”, concluiu.

Ordem com confiança: Bem-vindos à vossa casa!

Entre os dias 29 de maio e 3 de junho, os médicos de todo o país participaram nas eleições para o quadriénio 2025-2029. No Norte, José Torres da Costa, médico especialista em Imunoalergologia e Medicina do Trabalho e professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, encabeçando do CRNOM para um mandato de quatro anos.



“Bem-vindos à vossa casa”. Foi desta forma que o Presidente eleito do Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos (CRNOM), José Torres da Costa, terminou o seu discurso na cerimónia de tomada de posse dos Órgãos Regionais do Norte e Sub-Regionais do Porto, realizada a 16 de junho de 2025, no Salão Nobre do Centro de Cultura e Congressos da SRNOM. O ato foi conduzido por Armando Mansilha e Catarina Aguiar Branco, antigos presidentes das Mesas de Assembleia, que conferiram posse aos novos dirigentes. a Lista C com o lema “Ordem com Confiança”, foi eleito presidente.

No seu discurso, o novo presidente destacou a visão estratégica que orientará este mandato: “Queremos uma Ordem independente do poder político que, através dessa mesma independência, possa refletir e ser ativa em relação aos problemas que afetam os médicos hoje”. Sublinhou, de seguida, a importância de reforçar os laços com os profissionais: “Vamos ter uma Ordem de grande proximidade”. E concluiu, apontando para o espírito coletivo que pretende

“Queremos uma Ordem independente do poder político que, através dessa mesma independência, possa refletir e ser ativa em relação aos problemas que afetam os médicos hoje.” JOSÉ TORRES DA COSTA,

Presidente do Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos



imprimir à sua liderança: “Assim é a nova Ordem, uma equipa que conta com todos, procurando convergências na pluralidade, com uma equipa empenhada”.

A cerimónia contou também com intervenções do bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, que congratulou os eleitos e felicitou José Torres da Costa, Presidente eleito do Conselho Regional do Norte da OM. O Bastonário transmitiu uma forte mensagem de união ao afirmar que ultrapassadas as eleições, “é tempo de convergência em torno de uma missão comum: servir os médicos, os doentes e a sociedade”. Houve lugar ainda a intervenções de Pedro Ribeirinho Soares, presidente do Conselho Sub-Regional do Porto, e de Mário Dinis Ribeiro, presidente da Mesa da Assembleia Regional. As tomadas de posse estenderam-se às sub-regiões. No Porto, Pedro Ribeirinho Soares assumiu funções a 16 de junho. Em Vila Real, Fernando Salvador renovou mandato a 25 de junho, no auditório da Santa Casa da Misericórdia. Em Braga, João Rocha Neves tomou posse a 30 de junho, na Zet Gallery. Em julho, seguiram-se Alberto Midões, em Viana do Castelo, a 1, e João Rocha Palas, em Bragança, no dia 2. Assinalou-se com estas tomadas de posse o início de um novo ciclo de liderança, refletindo a confiança renovada dos médicos do Norte numa direção preparada para responder aos desafios presentes e futuros da profissão, num espírito de unidade e de trabalho em prol da classe médica e da saúde de todos. “A Ordem dos Médicos é una e indivisível. Somos todos apenas médicos ao serviço dos médicos, dos doentes e da sociedade, trabalhando lado a lado com espírito de convergência e cooperação”, declarou o Bastonário Carlos Cortes durante o discurso que proferiu nesta cerimónia.

Ser médico hoje, um desafio para o futuro

Compromisso renovado

A sessão solene de tomada de posse dos órgãos dirigentes eleitos para a SRCOM teve lugar a 27 de junho, na Sala D. Afonso Henriques do Convento São Francisco, em Coimbra. Inicia-se um novo ciclo mantendo a essência da equipa anterior e renovando a vontade de continuar um caminho iniciado há dois anos para fazer face aos desafios organizacionais da Saúde.

“O nosso lema ‘Ser médico hoje, um desafio para o futuro’ pretende enfatizar as atuais exigências decorrentes das dificuldades organizacionais da saúde, sem, contudo, deixar de pensar no futuro, pois a vertiginosa evolução da ciência, da técnica e da sociedade exigem uma classe médica atenta, competente, atualizada e inovadora.” Ciente do contexto de instabilidade no setor, o presidente reafirmou abertura ao diálogo institucional e à construção de pontes, deixando um compromisso de ação ética, determinada e cooperante, centrada nos doentes e na profissão: “A saúde em Portugal atravessa, atualmente, uma fase de grande instabilidade, havendo urgente necessidade de promover medidas conjunturais e reformas estruturais. Este é um trabalho que cabe ao Ministério da Saúde, mas que necessita da cooperação das várias estruturas profissionais da saúde, nomeadamente da Ordem dos Médicos

No ato eleitoral que terminou a 3 de junho, Manuel Teixeira



Veríssimo, médico assistente graduado sénior de Medicina Interna e professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, foi reconduzido presidente da SRCOM. Perante colegas, dirigentes de ordens profissionais, responsáveis académicos, líderes de instituições de saúde e representantes de associações de doentes e estudantis, a direção comprometeu-se a

dar continuidade a um projeto baseado em oito eixos: qualidade dos cuidados e da formação, carreiras médicas, afirmação da liderança, promoção da saúde e bem-estar dos médicos, nova sede da SRCOM, transformação da atual em residência temporária e criação de um sistema de apoio aos médicos mais velhos. No discurso, Manuel Teixeira Veríssimo destacou o lema “Ser médico hoje, um desafio para o futuro”,



sublinhando a necessidade de responder às dificuldades organizacionais da saúde sem perder de vista a inovação científica e social. Reconhecendo a instabilidade do setor, reafirmou abertura ao diálogo institucional e à cooperação, sublinhando:

“Este é um trabalho que cabe ao Ministério da Saúde, mas que necessita da colaboração das várias estruturas profissionais da saúde, nomeadamente da Ordem dos Médicos.” A sessão, conduzida pela médica de família Liliana Constantino, evocou a memória histórica do Convento de São Francisco, num ambiente marcado pela atuação do Coro da SRCOM, que interpretou o hino comemorativo dos 45 anos do SNS. O bastonário Carlos Cortes valorizou a continuidade e a convergência na defesa do SNS, elogiou a nova equipa e apelou à unidade da classe médica: “A Ordem dos Médicos é una e indivisível”. Reforçou ainda a importância da liderança e de um debate estratégico alargado, envolvendo profissionais

e decisores “Calorosamente, cumprimento o Dr. Manuel Teixeira Veríssimo pela sua eleição e desejo-lhe, assim como a toda a nova equipa dirigente renovada, o maior sucesso, neste mandato que hoje se inicia. Saúdo, igualmente, todos os membros agora empossados pelos órgãos regionais e sub-regionais, certos de que irão aplicar melhor as suas

capacidades em prol da classe médica e da Saúde das pessoas”.

Conforme os estatutos, após a posse em Coimbra seguiram-se as cerimónias das sub-regiões - Aveiro, Castelo Branco, Guarda, Leiria e Viseu - até 3 de julho, consolidando o compromisso da SRCOM com o serviço público e a proximidade a todo o território.

“O nosso lema “Ser médico hoje, um desafio para o futuro” pretende enfatizar as atuais exigências decorrentes das dificuldades organizacionais da saúde, sem, contudo, deixar de pensar no futuro, pois a vertiginosa evolução da ciência, da técnica e da sociedade exigem uma classe médica atenta, competente, atualizada e inovadora.”

MANUEL TEIXEIRA VERÍSSIMO, Presidente do Conselho Regional do Centro da Ordem dos Médicos

Por uma Ordem com futuro

Foi com palavras de união que Carlos Cortes deu as boas-vindas à equipa eleita na região Sul da Ordem dos Médicos: “A Ordem dos Médicos é una e indivisível. Somos todos apenas médicos ao serviço dos médicos, dos doentes e da sociedade, trabalhando lado a lado com espírito de convergência e cooperação”. Paulo Simões foi reconduzido na presidência da Região Sul e comprometeu-se a, com a sua equipa, continuar a defender os princípios que já nortearam o primeiro mandato.

A equipa dirigente da Secção Regional do Sul da Ordem dos Médicos tomou posse no dia 18 de junho numa cerimónia que decorreu no Auditório Prof. Miller Guerra, em Lisboa. A sessão foi presidida por António Martins Baptista, presidente da Mesa da Assembleia Regional do Sul, uma equipa renovada para o

quadriénio 2025/29. Na tomada de posse, Paulo Simões, que lidera essa equipa enquanto Presidente do Conselho Regional do Sul da Ordem dos Médicos, enunciou alguns temas que considera “importantes para o futuro dos médicos e da sua associação profissional”: “A Ciência da Complexidade,

a mudança de paradigma do curar para o cuidar, a exigência da sociedade de definir cada vez mais o modo e a forma de ser tratada, a educação médica que tem de ser reformulada e repensada, a visão das novas gerações sobre o trabalho e a vida e a necessidade de nunca esquecermos o fundamental da



nossa profissão: *primum non nocere* e o bom senso”, conforme elencou este dirigente nas suas redes sociais.

Ao ser reconduzido como Presidente desse Conselho, Paulo Simões partilhou a sua convicção de que é necessário continuar o trabalho iniciado. “Há um ano, como hoje, a nossa preocupação deverá ser a qualidade da Medicina prestada em Portugal, baseada no mérito e na diferenciação técnico-científica como forma de obter os cuidados de saúde de excelência que todos ambicionamos”. Como parte da sua campanha Paulo Simões assumiu, assim, o compromisso de continuar a defender a dignificação da profissão médica, a representação de todos os médicos em todos os setores, a promoção da qualidade da medicina e a aposta na formação especializada dos jovens médicos, pontos focais do seu programa eleitoral. Foram também empossados os novos órgãos da Secção Regional do Sul e também os órgãos sub-regionais de Lisboa Cidade e Grande Lisboa.

O Bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, destacou o carácter unitário da instituição, reforçando o papel da cooperação e do compromisso coletivo na defesa da profissão médica e da saúde pública, para melhor servir os médicos, os doentes e a sociedade.

Foi com palavras de união que deu as boas-vindas à equipa eleita: “A Ordem dos Médicos é una e indivisível. Somos todos apenas médicos ao serviço dos médicos, dos doentes e da sociedade, trabalhando lado a lado com espírito de convergência e cooperação”. Carlos Cortes felicitou Paulo Simões, presidente reeleito do Conselho Regional do Sul da OM, desejando-lhe, assim como à equipa dirigente, o maior sucesso neste mandato. Sublinhou ainda: “Saúdo igualmente todos os membros agora empossados nos órgãos regionais, certos de que irão dedicar o melhor das suas capacidades em prol da classe médica e da saúde das pessoas”.

As eleições intercalares decorreram a 3 de junho e foram as primeiras realizadas ao abrigo do novo Estatuto da Ordem dos Médicos, que criou o Conselho de Supervisão – que inclui elementos não médicos – e alterou a composição

dos Conselhos Disciplinares Regionais e do Conselho Nacional de Disciplina. Na Região Sul a esmagadora maioria dos Presidentes dos Conselhos Sub-regionais foi reeleita, com exceção do Ribatejo (onde não houve qualquer lista a sufrágio), Beja e Lisboa-Cidade, onde há novos rostos na liderança. No caso do Conselho Médico dos Açores e do Conselho Médico da Madeira, foram reconduzidos os respetivos Presidentes, Carlos Ponte e Gil Bebião.

A nova direção da Sub-região do Oeste da Ordem dos Médicos tomou posse a 27 de junho, na sede da OM em Caldas da Rainha, numa cerimónia em que António Curado foi reconduzido Presidente e destacou a coesão da equipa e o compromisso coletivo “na dignificação da profissão”.

“Há um ano, como hoje, a nossa preocupação deverá ser a qualidade da Medicina prestada em Portugal, baseada no mérito e na diferenciação técnico-científica como forma de obter os cuidados de saúde de excelência que todos ambicionamos.”

PAULO SIMÕES, Presidente do Conselho Regional do Sul da Ordem dos Médicos

Órgãos com não médicos na composição tomam posse pela primeira vez



Conselho Nacional de Disciplina e Conselho de Supervisão tomam posse pela primeira vez

O Conselho de Supervisão e o Conselho Nacional de Disciplina da Ordem dos Médicos (OM) foram eleitos este ano, pela primeira vez, no seguimento da entrada em vigor do novo Estatuto. Estes dois novos órgãos têm uma composição mista incluindo médicos e não médicos. O Estatuto aprovado por força da **Lei n.º 9/2024, de 19 de janeiro (publicada no Diário da República n.º 14/2024, Série I)** criou assim um modelo de supervisão distinto do que vigorava até aqui.

Função do Conselho Nacional de Disciplina

De acordo com o Estatuto, **Artigo 64.º-C**, cabe ao Conselho Nacional de Disciplina instruir e decidir processos disciplinares em que sejam arguidos o bastonário, os membros do conselho de supervisão e do conselho nacional e o presidente da mesa da assembleia de representantes; apreciar recursos das decisões disciplinares das secções regionais; deliberar sobre impedimentos e perdas do mandato do cargo dos seus membros e suspendê-los preventivamente, em caso de falta disciplinar, no decurso do respetivo processo; decidir sobre a incapacidade, parcial ou total, temporária ou definitiva, para o exercício da profissão de médico e de médico especialista; garantir a uniformidade de critérios e decisões em todo o território nacional.

Composição do Conselho Nacional de Disciplina

Presidente: Isabel Maria dos Santos Luzeiro

Vice-Presidente: Fernando Albino dos Santos Rebelo Vaz

Secretária: Cristiana Teixeira Lopes Soares Calheiros (não médico)

Ana Maria Maia Duarte dos Santos Pereira

Anabela Tavares Valadão Barcelos Figueiredo

Avelino Narciso de Freitas Vaz Pinheiro (não médico)

Catarina Duarte Rodrigues Antunes

Edgar João Silva Semedo

Eduardo António da Silva Figueiredo (não médico)

Isabel Maria dos Santos Luzeiro

João Bebiano de Sacadura Botte Corte Real

João Nuno Melo Beirão

João Real Caetano Dias

José Manuel dos Santos Pereira de Moura

Maria José Santos Rosa Carneiro de Brito

Maria Manuela Chaves Matos (não médico)

Maria Teresa Quinta Costa Mascarenhas Saraiva

Patrícia Isabel Silvestre Ataíde (não médico)

Função do Conselho de Supervisão

De acordo com o Estatuto, **Artigo 63**, este órgão, igualmente inédito, tem como missão acompanhar e fiscalizar a atividade da Ordem, incluindo a gestão financeira e o cumprimento das regras de transparência, competindo-lhe: controlo em matéria de regulação do exercício da profissão, fixação de taxas relativas às condições de acesso à Ordem, acompanhar a atividade de reconhecimento de competências e emissão de recomendações, acompanhar a atividade dos órgãos disciplinares, supervisão da legalidade e conformidade estatutária e regulamentar da atividade exercida pelos órgãos da Ordem, propor a nomeação e destituir o provedor dos destinatários dos serviços, decidir recursos interpostos das decisões proferidas por qualquer órgão da Ordem, exceto em matéria disciplinar, determinar a remuneração dos membros dos órgãos da Ordem, emitir parecer vinculativo sobre a criação, composição, competências e modo de funcionamento dos colégios de especialidade, entre outras competências.

A composição do Conselho de Supervisão inclui médicos e não médicos e pode ser consultada na listagem de resultados eleitorais que está publicado no site da Ordem dos Médicos. Consulte todos os resultados aqui: <https://ordemdosmedicos.pt/a-ordem/eleicoes-para-a-ordem/eleicoes-2025>

RESULTADOS
AQUI



Um espaço de liberdade e debate para os desafios da Medicina

A Assembleia de Representantes da Ordem dos Médicos “espelha a pluralidade”, sendo “um fórum de verdadeira liberdade” no qual “se discutem os grandes temas” da classe profissional. As afirmações são do Bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, durante a sessão de tomada de posse dos membros daquele órgão.

A Ordem dos Médicos nunca “deixará de ser crítica quando assim o tiver que ser, mas também nunca deve deixar de apresentar as soluções, os caminhos que possam ajudar ao

desenvolvimento da Medicina em Portugal”, frisou o dirigente lembrando como a Assembleia de Representantes “terá um papel fulcral para se conseguir desenhar novas respostas”.

A Assembleia de Representantes é um órgão “fundamental para que a Ordem dos Médicos consiga superar os desafios dos anos que vêm, principalmente relativos à recente alteração do



estatuto que lhe retira autonomia e independência””, apontou o Bastonário. No mandato anterior, explicou, o trabalho da Assembleia de Representantes “foi muito valorizado”, pronunciando-se sobre mais assuntos que nunca. “Para os próximos anos existe um planeamento complicado e desafiante”, acrescentou.

Este órgão, composto por representantes eleitos de todo o país, é considerado a principal instância de deliberação da Ordem dos Médicos, funcionando como espaço de debate democrático e de definição de orientações estratégicas. A diversidade de visões entre os seus membros garante, segundo o Bastonário, “um equilíbrio entre a defesa intransigente da profissão médica e a procura de soluções que respondam às necessidades da sociedade portuguesa”.

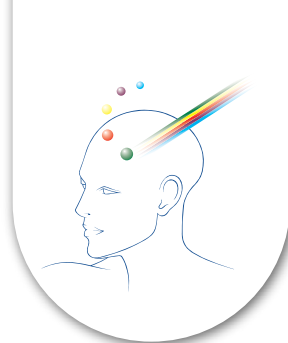
A reorganização dos serviços de saúde, a defesa da carreira médica, a valorização da formação especializada e o impacto das recentes alterações legislativas no funcionamento da Ordem são alguns dos temas que deverão marcar a agenda da nova Assembleia. Para além disso, a questão da autonomia profissional e a participação dos médicos na definição de políticas de saúde surgem como prioridades destacadas pela nova direção.

Durante a sessão solene de tomada de posse, foi ainda sublinhado que a Assembleia de Representantes terá um papel determinante na articulação com outros órgãos da Ordem, garantindo a coesão institucional num momento

em que o setor enfrenta transformações profundas, desde o envelhecimento da população médica até à pressão crescente sobre os serviços hospitalares e cuidados de saúde primários. Com cerimónia avança-se num novo ciclo de trabalhos em que, nas palavras de Carlos Cortes, “a pluralidade e a liberdade de expressão serão instrumentos essenciais para encontrar soluções concretas, num tempo em que a Medicina e os médicos em Portugal atravessam um dos períodos mais exigentes da sua história”.



15th SYMPOSIUM OF BIAL FOUNDATION



BEHIND AND BEYOND THE BRAIN

Aquém e Além do Cérebro End-of-life experiences

Casa do Médico - Porto
April 8 to 11, 2026

Organizing Committee:

President

AXEL CLEEREMANS (Brussels)
ETZEL CARDEÑA (Lund)
MIGUEL CASTELO-BRANCO (Coimbra)
RUI COSTA (Seattle, WA)
RAINER GOEBEL (Maastricht)
VEENA KUMARI (London)
CHRIS ROE (Northampton)
STEFAN SCHMIDT (Freiburg)
HELANÉ WAHBEH (Novato, CA)



Participants:

ETZEL CARDEÑA (Lund)
MIGUEL CASTELO-BRANCO (Coimbra)
FANNY CHARASSE (Brussels)
AXEL CLEEREMANS (Brussels)
RUI COSTA (Seattle, WA)
RAINER GOEBEL (Maastricht)
BÁRBARA GOMES (Coimbra)
JANICE HOLDEN (Denton, TX)
ALLAN KELLEHEAR (Newcastle upon Tyne)
CHRISTOF KOCH (Seattle, WA)
VEENA KUMARI (London)
CHARLOTTE MARTIAL (Liège)
MIRA MENZFELD (Zurich)
MICHAEL NAHM (Freiburg)
SAM PARNIA (New York)
MARIETA PEHLIVANOVA (Charlottesville, VA)
YESCHE REGEL (Bonn)
MICHAEL RERA (Paris)
CHRIS ROE (Northampton)
STEFAN SCHMIDT (Freiburg)
MÁRIO SIMÕES (Lisbon)
JIM TUCKER (Charlottesville, VA)
JULIA VERNE (London)
HELANÉ WAHBEH (Novato, CA)
MARJORIE WOOLLACOTT (Eugene, OR)



Bial
FOUNDATION

www.bialfoundation.com
info@bialfoundation.com

Em debate na Ordem dos Médicos

Ato Médico e a gestão do sistema de saúde

A conferência “Os desafios do Ato Médico” realizou-se no dia 7 de abril e consagrou a apresentação do Observatório do Ato Médico e os desafios futuros.

“A preservação do ato médico tem sido um aspeto de preocupação da Ordem dos Médicos (OM) desde sempre. Esta defesa dos atos próprios dos médicos é uma preocupação que assenta sobretudo naquela que é a base da relação médico-doente, ou melhor dizendo, médico-pessoa”, afirmou Carlos Cortes, Bastonário da OM, na sessão de abertura da Conferência “Os Desafios do Ato Médico”.

A vontade dos médicos de proporcionar os melhores cuidados de saúde possíveis pode ver-se comprometida com a usurpação de funções que deviam competir apenas aos próprios. No evento, em parceria com o Observador, o Observatório do Ato Médico foi apresentado, presencialmente no auditório da OM e também em streaming nas plataformas online.

Após a sessão de abertura que contou com intervenções do Bastonário e do médico Luís Cunha Miranda, coordenador do observatório, seguiu-se o debate principal, constituído por membros dos partidos com assento parlamentar.

Debateram-se o ato médico e outras áreas que ele abrange, a dignificação da profissão e as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, pôs-se em perspetiva a dicotomia da saúde pública e privada e possíveis complementaridades entre os dois setores. Procuraram-se entender os desafios administrativos e burocráticos da gestão de saúde no país e respetivas estratégias de funcionamento do sistema. A defesa do ato médico é o ónus do Observatório do Ato Médico que “tem precisamente esse objetivo de darmos à população, à sociedade em geral, confiança e segurança nos cuidados de saúde” como destacou Carlos Cortes.



Veja aqui o vídeo
→



Valores e princípios inegociáveis Observatório do Ato Médico da Ordem dos Médicos

Sendo o papel da Ordem dos Médicos a defesa de uma medicina de qualidade, reconhecendo que nesse contexto, naturalmente, o ato médico tem um papel central, o Bastonário Carlos Cortes tomou a iniciativa de criar o Observatório do Ato Médico cujo objetivo principal é proteger as pessoas contra atos ilícitos que podem pôr em risco a sua saúde.

O Observatório do Ato Médico foi oficialmente criado em fevereiro de 2025 com a tomada de posse da primeira coordenação deste órgão. Nessa cerimónia, Carlos Cortes, Bastonário da Ordem dos Médicos, enquadrou as suas expectativas quanto ao trabalho a realizar: “Em primeiro lugar queremos definir uma estratégia para a defesa do ato médico com a perspetiva de defesa das pessoas, dos doentes”, frisou, realçando ser essa a preocupação central da instituição. “O ato médico está na agenda da Ordem dos Médicos e é um tema que temos abordado em todas as reuniões com o Ministério da Saúde. Com

a criação deste Observatório queremos que o trabalho que é feito apenas pontualmente passe a ser realizado de forma estruturada e mais eficaz”. A direção do Observatório do Ato Médico que tomou posse no dia 12 de fevereiro é coordenada por Luís Cunha Miranda e conta com ainda o trabalho e dedicação de Miguel Andrade, Rufino Silva, Isabel Marques Brandão, Joaquim Raposo, Ana Ribeiro da Cunha, Raul Osório, Jorge Barroso Dias, Tiago Meirinhos, Anabela Inácio Pereira e João Dias Ferreira. A criação do Observatório do Ato Médico da Ordem dos Médicos representa um marco fundamental na defesa da

qualidade da medicina em Portugal e da proteção da saúde das pessoas. A estrutura nasce de uma necessidade crescente de assegurar que o exercício dos atos médicos permanece exclusivamente na esfera dos médicos, garantindo-se o rigor científico, a segurança clínica e o respeito pelos princípios éticos que estruturam a profissão. A sua missão está claramente definida na Deliberação n.º 142/2025, publicada no Diário da República, a 29 de janeiro de 2025. De acordo com este enquadramento, cabe ao Observatório zelar para que apenas os médicos possam exercer atividades centrais da prática clínica, como a diagnóstica,



prognóstica, de vigilância, de investigação, de perícias médico-legais, de codificação e auditoria clínica, assim como a prescrição e execução de medidas terapêuticas, farmacológicas ou não farmacológicas. Igualmente integram este núcleo essencial os atos cirúrgicos, de reabilitação e de promoção da saúde e prevenção da doença, em todas as suas dimensões - física, mental e social - respeitando sempre as *leges artis* da profissão e os seus valores deontológicos. O processo de criação deste Observatório remonta a abril de 2024, quando o Conselho Nacional da Ordem dos Médicos deliberou iniciar as diligências necessárias após a entrada em vigor do artigo 96.º-A do Estatuto da Ordem dos Médicos, introduzido pela Lei n.º 9/2024. Posteriormente, a Assembleia de Representantes validou este caminho, em julho do mesmo ano, reforçando a importância de consolidar um organismo especificamente vocacionado para monitorizar e intervir sempre que surjam indícios de violação do regime jurídico dos atos médicos. Concluída a fase preparatória, o Conselho Nacional aprovou a composição do Observatório, constituído por médicos escolhidos em função da sua experiência, integridade e compromisso com a defesa da profissão e da saúde pública.

“Quando vemos a evolução dos sistemas de saúde da Europa, mas também em Portugal, invocando a falta de médicos e de capacidade de resposta, nem sempre real, os governos e os parlamentos começam a determinar que outras pessoas, por decreto, possam fazer determinados procedimentos para os quais não têm capacidade técnica”, alerta Luís Cunha Miranda, coordenador do Observatório. De acordo com o coordenador, perante a “degradação que tem vindo a acontecer, invocando-se razões económicas e de proximidade”, a ordem considerou que era “chegada a altura de os médicos assumirem a responsabilidade de dizer que o doente tem de ser protegido”.

"Em primeiro lugar queremos definir uma estratégia para a defesa do ato médico com a perspetiva de defesa das pessoas, dos doentes."

CARLOS CORTES, Bastonário da Ordem dos médicos

Pilares da ação do Observatório

O Observatório do Ato Médico assenta em pilares claros e inegociáveis. No centro da sua ação está a proteção da pessoa doente, numa perspetiva humanista da medicina, onde prevalece a ética, o respeito e a confiança mútua entre médico e doente. O cumprimento rigoroso do código deontológico médico e a melhoria contínua da relação médico-doente são princípios estruturantes. Outro dos valores centrais é o combate a todas as formas de intrusismo médico. Qualquer usurpação de funções médicas representa não só uma afronta à profissão, mas sobretudo um risco real para a segurança das pessoas. A defesa intransigente da medicina como ato científico, técnico e ético, exercido apenas por profissionais qualificados, é uma das bandeiras do Observatório.

Âmbito de intervenção

Enquanto órgão consultivo da Ordem dos Médicos, o Observatório tem como objetivo coordenar e articular a resposta institucional a todas as situações de intrusismo ou usurpação de funções médicas, bem como a qualquer outra prática que coloque em causa a integridade do Ato Médico. Para isso, dispõe das competências e mecanismos previstos nos estatutos da Ordem, atuando como um garante da legalidade e como um escudo protetor da prática médica em Portugal. A sua ação não se esgota na vigilância ou na resposta a denúncias. O Observatório procura também ser um espaço de reflexão e de reforço da cultura profissional, promovendo a consciência coletiva sobre a importância de preservar os atos médicos enquanto património da ciência, da ética e do compromisso com o bem-estar humano. Um compromisso com a sociedade. O Observatório do Ato Médico da Ordem dos Médicos simboliza, acima de tudo, um compromisso renovado com os cidadãos. Defender o ato médico é defender a qualidade dos cuidados de saúde, a segurança dos doentes e a credibilidade da medicina como ciência e arte. É garantir que cada diagnóstico, cada decisão clínica e cada intervenção terapêutica são realizados com a competência técnica, a responsabilidade ética e o respeito humano que só o médico, pela sua formação e juramento, pode assegurar.

Perante a "degradação que tem vindo a acontecer, invocando-se razões económicas e de proximidade, é chegada a altura de os médicos assumirem a responsabilidade de dizer que o doente tem de ser protegido."

LUÍS CUNHA MIRANDA, coordenador do Observatório do Ato Médico

Acta Médica Portuguesa

Setembro 2025

data de publicação online: 01 de Setembro

ARTIGO DE REVISÃO

Descontaminação Digestiva Seletiva em Doentes Hemato-Oncológicos Colonizados por Enterobacteriales Resistentes aos Carbapenemos

Acta Med Port 2025 Sep;38(9):561-567

CASOS CLÍNICOS

Osimertinib: Um Ponto de Viragem no Cancro do Pulmão EGFR Positivo em Estádio IV

Acta Med Port 2025 Sep;38(9):568-572

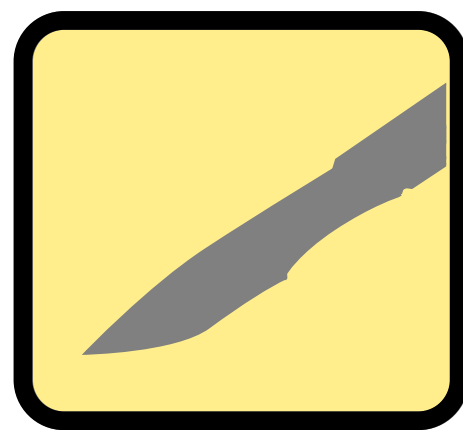
Pele Peniana Como Localização Rara de Melanoma na Região dos Balcãs: Um Relato de Caso

Acta Med Port 2025 Sep;38(9):573-576

NORMAS DE ORIENTAÇÃO

Recomendações sobre Contraceção em Mulheres com Cancro Ginecológico:
Do Diagnóstico ao Pós-Tratamento

Acta Med Port 2025 Sep;38(9):579-587



A revista científica da Ordem dos Médicos em <http://www.actamedicaportuguesa.com>

PubMed



LinkedIn



AMP

ACTA
MÉDICA
PORTUGUESA

A Revista Científica da Ordem dos Médicos



ORDEM
DOS MÉDICOS

Ordem disponibiliza projeto inovador para resolução de conflitos

Este projeto de vanguarda, que está a ser desenvolvido entre a Ordem dos Médicos e o Centro de Arbitragem da Universidade Autónoma de Lisboa, visa oferecer aos médicos uma justiça de proximidade, através da adoção dos meios extrajudiciais de resolução de conflitos, mais célere, menos onerosa e com um muito elevado grau de satisfação. A “Mediação OM” arrancou no dia 1 de março de 2025.

“Mediação OM” é uma iniciativa da Ordem dos Médicos que pretende oferecer uma justiça de proximidade, permitindo evitar processos judiciais ou disciplinares em tribunais e em sede de Conselho Disciplinar. Através da adoção de meios extrajudiciais de resolução de conflitos será possível solucionar divergências, quer de âmbito profissional, quer de âmbito pessoal, entre médicos com outros profissionais, médicos com utentes e acompanhantes ou com cargos de chefia e administrativos.



“Os processos de litigância, pelas vias normais, são extremamente lentos. A mediação de conflitos tem uma característica muito importante que é ser de resolução extremamente rápida e a contento de ambas as partes. Com este projeto a Ordem dos Médicos espera resolver de forma célere alguma da conflitualidade que surge por exemplo de problema de comunicação”, enquadra Luís Campos Pinheiro, coordenador da iniciativa Mediação. Através de mediadores certificados pelo Ministério da Justiça, as partes podem agora recorrer de forma voluntária a um conciliador imparcial com garantias de confidencialidade, com baixo custo financeiro e rápido.



Conheça os meios alternativos de Resolução de Litígios

Conciliação - A Conciliação permite de uma forma simples e acessível resolver o conflito existente entre duas ou mais partes envolvidas, com o auxílio de mediadores/conciliadores certificados pelo Ministério da Justiça e com uma vasta experiência nas mais variadas áreas de intervenção.

Mediação - É um processo voluntário e confidencial em que as partes recorrem a um mediador imparcial (certificado pelo Ministério da Justiça), para ajudar a encontrar, pela facilitação da comunicação, soluções satisfatórias para ambos os lados, evitando a necessidade de processos judiciais ou disciplinares longos, dispendiosos e desgastantes.

Arbitragem - Nesta fase, o processo é entregue a um Juiz Árbitro, doutorado e versado nas mais diversas áreas do Direito ou da Medicina que através de um julgamento arbitral proferirá uma sentença. As sentenças proferidas têm a mesma força jurídica que as dos tribunais judiciais de 1ª Instância.

Em termos estatísticos 98% dos casos entrados no CAUAL foram resolvidos através de acordos entre as partes com uma média de resolução de 30 a 40 dias. Pretende-se colocar à disposição dos membros da OM o acesso à resolução de controvérsias, sejam elas resultantes da atividade profissional, ou provenientes da esfera privada, por exemplo:

- Questões entre médicos ou com outros profissionais, médicos/utentes e acompanhantes, médicos/chefias/administrações/, entre outras.
- Questões familiares, de consumo, de vizinhança, comerciais, em contexto escolar, em contexto de atividades desportivas,

- Questões de arrendamento e de condomínio, entre outras.
- situações de consumo em geral (conflitos relativos a bens públicos essenciais: água, luz e gás); faturação sobre serviços avariados; trocas e devoluções; compras (garantias e defeitos), discordâncias com operadoras de telecomunicações, entre outras.
- Relacionamento com os vizinhos e questões de condomínio;
- Arrendamento e compra de imóveis;
- Partilhas, heranças, divórcios, regulação das responsabilidades parentais, entre outras.
- Saúde, incluindo questões ligadas à faturação.

Contactos:

Email: medicos.centrodearbitragem@grupoautonoma.pt

Website: <https://arbitragem.grupoautonoma.pt/ordem-dos-medicos/>

No Dia Mundial do Ambiente Ordem dos Médicos lança livro sobre *One Health*

No Dia Mundial do Ambiente, a Ordem dos Médicos apresentou o livro “As Ordens e a One Health”, uma iniciativa do Grupo para a One Health da OM dedicada à visão integrada da saúde humana, animal e ambiental. Esta obra contou com a colaboração de várias ordens profissionais da área da saúde e de outros setores, reforçando a importância de agir em conjunto por um planeta mais saudável, no qual a saúde humana não pode ser dissociada da saúde ambiental e das espécies animais com quem partilhamos este espaço.



Patologia Clínica, Doenças Infecciosas, Medicina Interna, Pneumologia, Endocrinologia e Nutrição, e Medicina Geral e Familiar. Em estreita colaboração com todos os colégios de especialidades, subespecialidades e competências da Ordem dos Médicos, o grupo de trabalho visa ainda incrementar a mobilização social em torno deste tema.

O conceito de One Health não é novo, mas tem vindo a ganhar relevância perante fenómenos cada vez mais evidentes: as alterações climáticas, a perda de biodiversidade, as pandemias de origem zoonótica, o impacto da poluição atmosférica e dos recursos hídricos, ou a resistência antimicrobiana. Todos estes problemas demonstram que a saúde não pode ser compartimentada: aquilo que afeta o ambiente ou os animais repercute-se inevitavelmente na saúde das pessoas.

No dia 5 de junho de 2025, Dia Mundial do Ambiente, a Ordem dos Médicos (OM) apresentou publicamente o livro “As Ordens e a One Health”, uma obra que reflete o compromisso crescente da comunidade médica e de várias profissões da saúde com uma visão integrada da saúde humana, animal e ambiental. A iniciativa nasce no seio do Grupo para a One

Health da OM, na sequência dos webinars organizados por esse grupo, coordenado pelo especialista em Saúde Pública, Lúcio Meneses de Almeida. A obra vem reforçar a urgência de encarar os desafios globais com uma abordagem transversal e colaborativa. Este grupo de trabalho da Ordem dos Médicos é constituído por especialistas em Saúde Pública,

LÚCIO MENESES DE ALMEIDA

PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E COORDENADOR DO GRUPO DE TRABALHO PARA A ONE HEALTH DA OM

“Queremos continuar a promover este diálogo. Porque não há verdadeira saúde humana num planeta doente. E porque nenhuma resposta será eficaz se não formos capazes de pensar e agir em conjunto”, frisa Carlos Cortes, Bastonário da Ordem dos Médicos. Este livro, que reúne contributos de diversas ordens profissionais da área da saúde e também de outros setores estratégicos, espelha essa convicção do representante máximo dos médicos de que só uma resposta conjunta poderá trazer soluções sustentáveis. Médicos, enfermeiros, farmacêuticos, médicos veterinários, dentistas, nutricionistas e outros profissionais participaram nesta reflexão alargada, que tem como fio condutor a responsabilidade coletiva em proteger e promover a saúde num planeta em transformação.

Para a Ordem dos Médicos, esta publicação é mais do que um marco simbólico no calendário. É um apelo à ação. Num mundo interligado, não basta tratar a doença: é necessário prevenir, antecipar riscos e integrar políticas públicas que olhem de forma sistémica para a saúde. O combate às alterações climáticas, a redução da poluição, o uso racional de antibióticos, a segurança alimentar ou a gestão equilibrada dos ecossistemas

são exemplos de áreas onde a cooperação interdisciplinar é decisiva.

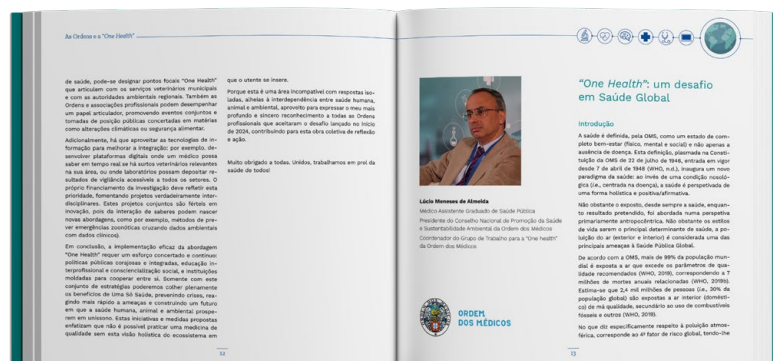
O Dia Mundial do Ambiente, promovido pelas Nações Unidas desde 1972, constitui um momento privilegiado para esta apresentação. Ao lançar “As Ordens e a One Health” nesta data, a instituição sublinha que a defesa do ambiente é indissociável da defesa da saúde. O futuro da humanidade dependerá, em larga medida, da capacidade de preservar a qualidade do ar que respiramos, da água que bebemos, dos alimentos que produzimos e consumimos e da relação equilibrada e partilha de espaço com as restantes espécies.

Com esta obra, a Ordem dos Médicos reafirma o seu papel enquanto voz ativa e responsável na promoção da saúde pública, enquanto convida todos os profissionais, decisores políticos e cidadãos a reconhecerem que a saúde humana não existe

isolada. O bem-estar individual e coletivo está intrinsecamente ligado à saúde dos ecossistemas e dos animais que partilham connosco o planeta.

Carlos Cortes, Bastonário da Ordem dos Médicos, considera que “é fundamental que a interdisciplinaridade e comunicação entre os profissionais de saúde seja incentivada desde a sua formação, devendo por isso esta abordagem ser incluída nos currículos das escolas médicas e de saúde em Portugal”.

Também Lúcio Meneses de Almeida assinala a importância desta abordagem, destacando que “a saúde humana está intrinsecamente ligada à saúde animal e à saúde ambiental, razão pela qual Portugal deve reforçar a sua capacidade em termos de vigilância em saúde pública, incluindo na sua dimensão laboratorial”.



A “*One Health*” (“Uma só saúde”) traduz uma abordagem colaborativa, multisetorial e transdisciplinar, nos diversos níveis de intervenção (do local ao global), visando alcançar os melhores resultados em saúde.

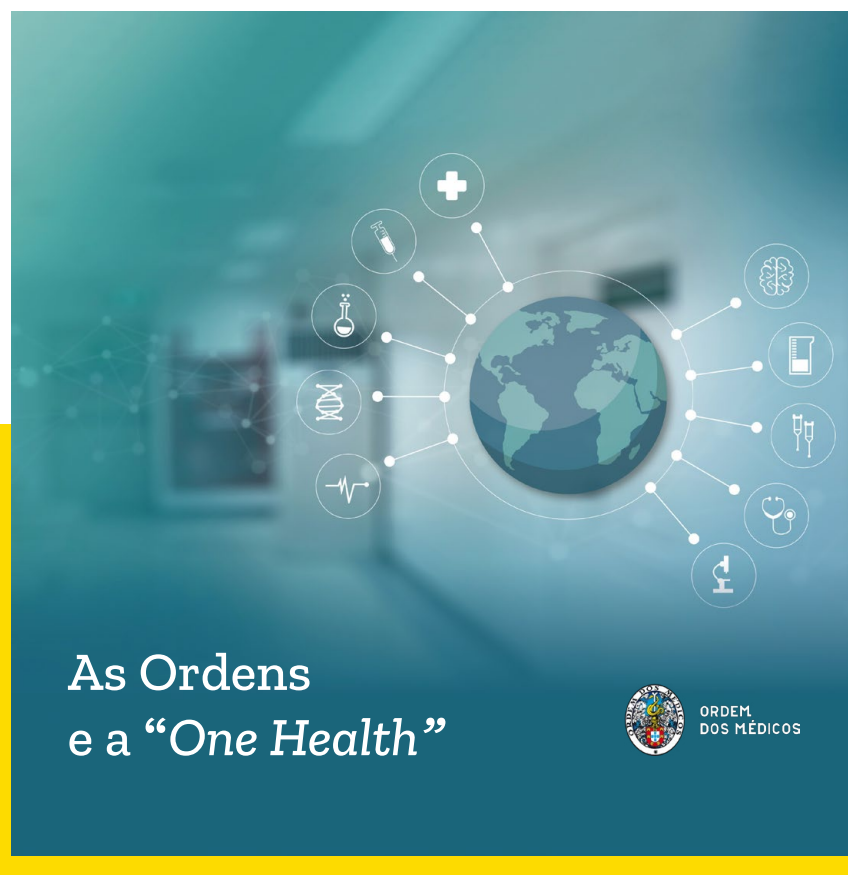
Assim, a publicação “*As Ordens e a One Health*” é, acima de tudo, um testemunho de cooperação e de visão de futuro. Representa a convicção de que só juntos, com ciência, ética e compromisso

interprofissional, será possível construir sociedades mais resilientes, mais justas e mais saudáveis – para as pessoas, para os animais e para o ambiente.

A organização da obra ficou a cargo Conselho Nacional de Promoção da Saúde e Sustentabilidade Ambiental da Ordem dos Médicos e do Grupo de Trabalho para a “*One health*” da Ordem dos Médicos sob

orientação do especialista em Saúde Pública Lúcio Meneses de Almeida, que coordenada essas estruturas. Contribuíram com textos, além da Ordem dos Médicos, a Ordem dos Contabilistas Certificados, a Ordem dos Enfermeiros, a Ordem dos Farmacêuticos, a Ordem dos Fisioterapeutas, a Ordem dos Nutricionistas, a Ordem dos Psicólogos e a Ordem dos Médicos Veterinários.

Leia aqui o livro



FMUP e FMUL: dois séculos de história, ciência e investigação

Durante o ano de 2025, a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL) e a Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP) celebram o seu bicentenário, um marco histórico para o ensino e a investigação médica em Portugal. A Ordem dos Médicos felicita e agradece a estas instituições por tudo o que fazem pelo desenvolvimento da Medicina em Portugal.

Para assinalar estas efemérides, estão previstas diversas cerimónias e iniciativas ao longo do ano, que pretendem homenagear o passado, valorizar o presente e projetar o futuro destas duas escolas de referência.

O início das comemorações da FMUL ficou marcado por uma apresentação feita por João Eurico Cabral da Fonseca, diretor desta Faculdade, que destacou a longa trajetória da instituição. O responsável recordou os momentos fundacionais e as várias etapas de transformação que marcaram a identidade da escola, sublinhando a sua capacidade de adaptação às exigências de cada época.

O bicentenário da FMUL e da FMUP é uma oportunidade para reforçar a ligação entre academia, prática clínica e sociedade, projetando a importância da ciência e da educação médica no fortalecimento do Serviço Nacional de Saúde e na melhoria dos cuidados prestados à população. Carlos Cortes, Bastonário da Ordem dos Médicos, não podia deixar de marcar presença nas celebrações destes 200 anos de uma frutuosa

existência. Na cerimónia em que marcou presença estiveram presentes, Altamiro da Costa Pereira e João Eurico da Fonseca, respetivamente diretores da FMUP e da FMUL.

Fundadas em 1825, em Lisboa com a denominação de Escola Real de Cirurgia, e na cidade invicta como a Régia Escola de Cirurgia do Porto, estas instituições têm-se moldado com a passagem e necessidade dos tempos, ao longo destes dois séculos caracterizados por uma história extremamente prestigiante.

Carlos Cortes assinalou estas importantes comemorações, e, no seu discurso, valorizou o papel importantíssimo da academia na Medicina em Portugal e reconheceu a capacidade de renovação e superação das faculdades.

Para além de formar milhares de médicos ao longo de duas centenas de anos, a FMUL e a FMUP têm-se afirmado como pólos de investigação de excelência e de inovação científica, com relevo nacional e internacional.



Estas comemorações não são apenas um tributo ao passado, mas também um momento de reflexão sobre os desafios atuais e futuros da Medicina e sobre o papel central das faculdades na formação das novas gerações de profissionais de saúde.



European Junior Doctors Association reúne em Lisboa

A European Junior Doctors Association (EJD), organização que representa médicos internos de toda a Europa, realizou a sua “Spring Meeting 2025” em Lisboa, nos dias 30 e 31 de maio. O encontro reuniu representantes de 26 associações nacionais de médicos em formação, que em conjunto representam mais de 300.000 jovens médicos em todo o continente.

A EJD funciona como uma organização “guarda-chuva”, dando voz às preocupações, dificuldades e ambições dos médicos internos, e reforçando o papel que estes desempenham na sustentabilidade dos sistemas de saúde europeus. Apesar das diferenças culturais, sociais e políticas entre os vários países, os jovens médicos enfrentam desafios comuns: a pressão das condições de trabalho, a sobrecarga dos serviços de saúde, a exigência de formação contínua e a necessidade de reconhecimento da carreira.

No encontro em Lisboa, destacou-se o papel da EJD como plataforma de cooperação e defesa de interesses, com capacidade efetiva de influência junto de organismos internacionais e governos nacionais. Num momento em que os sistemas de saúde atravessam rápidas mudanças, a organização reforçou a sua missão de dignificar a

profissão médica em formação e de criar uma rede de apoio e partilha entre países.

A Assembleia Geral, que se reúne duas vezes por ano, tem como objetivo definir estratégias, trocar experiências e projetar soluções comuns para os problemas sentidos no terreno. Em 2025, a “Spring Meeting” ficou marcada pela entrada oficial da Suíça na lista de membros da EJD, aprovada por unanimidade pelos países presentes no plenário. Esta adesão demonstra a crescente relevância da organização e a importância do trabalho conjunto na defesa dos médicos internos.

Para além da votação, os participantes debateram o presente e o futuro da profissão, refletindo sobre temas centrais como as condições de trabalho, a mobilidade médica, a qualidade da formação, o equilíbrio entre vida pessoal e profissional e o papel da inovação tecnológica. A

reunião em Lisboa sublinhou ainda a importância da solidariedade entre associações nacionais, numa lógica de partilha de boas práticas e de procura de soluções globais para problemas que são, muitas vezes, transversais.

Um dos princípios fundadores da EJD é precisamente o de valorizar os médicos internos enquanto parte ativa dos sistemas de saúde, garantindo-lhes condições dignas de aprendizagem, de trabalho e de progressão. A organização tem defendido que o investimento nos jovens médicos é um investimento direto na qualidade dos cuidados prestados às populações.

O encontro de Lisboa reafirmou, assim, o compromisso da EJD com a defesa dos médicos em início de carreira, assumindo-se como uma voz unida, europeia e forte, que busca influenciar políticas relevantes para estes jovens colegas.



Ordem celebra o Dia de Camões e das Comunidades

A Ordem dos Médicos assinalou o dia 10 de junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, celebrando nas suas redes sociais o trabalho executado pela Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP) em prol da partilha de conhecimento médico e da promoção da cultura lusófona nomeadamente através do prémio literário criado por iniciativa da Ordem dos Médicos portuguesa.

O XII Congresso da CMLP aconteceu recentemente em Maputo, Moçambique, e foi nesse evento que Francisco Pavão, médico especialista em Saúde Pública e secretário permanente da CMLP, propôs, em nome do Bastonário Carlos Cortes, o lançamento da segunda edição do Prémio de Literatura da CMLP – uma iniciativa que reforça o valor da cultura e da partilha de experiências entre os médicos de língua portuguesa, iniciativa prontamente acolhida pelos presentes.

Recordamos que a língua portuguesa é uma das mais faladas no hemisfério sul. Neste encontro da medicina lusófona tomou posse a nova direção da CMLP que ficará a

cargo da Ordem dos Médicos de Moçambique.

O congresso centrou-se no tema “Os Desafios da Ética na Investigação e Tecnologias Médicas”, sublinhando a urgência de debater não só os avanços científicos, mas também os seus limites éticos.

Especialistas lusófonos trocaram perspetivas sobre: o rigor na investigação clínica – da conceção ao consentimento informado, a bioética dos dados médicos e das IA aplicadas à saúde, a regulação de tecnologias emergentes, e a proteção dos direitos dos pacientes em ambientes de inovação tecnológica.

O debate destes temas espelha a crescente preocupação ética no uso das novas ferramentas na medicina – uma discussão essencial para garantir que o progresso científico respeite sempre a dignidade humana.

O Bastonário da Ordem dos Médicos de Moçambique, Gilberto Manhiça, deixou durante o congresso o apelo para reforçar a cooperação formativa dentro da lusofonia – atitude que visa elevar o número e a qualidade dos especialistas nos países da CMLP.

Palavra de Ordem

POR UMA ORDEM MAIS ABERTA,
MAIS COMUNICATIVA, MAIS PRÓXIMA

A News Farma TV, numa estreita parceria com a Ordem dos Médicos (OM), lançou o programa “Palavra de Ordem”, uma rubrica mensal que é espaço privilegiado para a comunicação de temas de interesse e de opiniões de diferentes especialistas que fazem parte dos vários órgãos da instituição.

No primeiro episódio, o Bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, fez uma visita “quase” guiada, onde explicou o papel da OM, o foco no trabalho em prol dos médicos e a necessidade de se abrir ao exterior, sendo esta parceria com a News Farma TV também um passo nesse sentido. Por Uma Ordem mais aberta, mais comunicativa, mais próxima. Faz todo o sentido para a OM, com esta parceria, poder periodicamente transmitir as suas mensagens, juntar este caminho de comunicação com os médicos para em conjunto conseguirmos ultrapassar os vários desafios que se vão colocando não só à comunidade médica, mas também a todos o Sistema de Saúde na sua globalidade.”

No 2º episódio do Palavra de Ordem falamos com João de Deus, Coordenador do Departamento Internacional da Ordem dos Médicos, sobre o papel que a liderança médica tem para a eficácia dos serviços de saúde.

O 3º episódio é protagonizado por Marta Tavares, médica pediatra que coordena o Gabinete de Literacia em Saúde da Ordem dos Médicos. O gabinete tem o propósito de aproximar a Ordem dos cidadãos e difundir conhecimento promovendo mais e melhor literacia.

No 4º episódio do Palavra de Ordem, Carlos Cortes, Bastonário da Ordem dos Médicos reflete sobre o futuro da saúde e partilha a sua perspectiva sobre os desafios e prioridades da saúde em Portugal nos próximos anos.

No 5º episódio deste programa o reumatologista Luís Cunha Miranda foi convidado a falar sobre o Observatório do Ato Médico, um gabinete recentemente criado pela Ordem dos Médicos e que é por si coordenado.

No 6º episódio Lúcio Meneses de Almeida, Presidente do Conselho Nacional de Promoção da Saúde e Sustentabilidade Ambiental e coordenador do Grupo de Trabalho “One Health” explica o trabalho da OM num contexto em que Saúde humana, animal e ambiental estão interligadas e exigem de todos uma abordagem integrada.

VER
EPISÓDIO 1



VER
EPISÓDIO 2



VER
EPISÓDIO 3



VER
EPISÓDIO 4



VER
EPISÓDIO 5



VER
EPISÓDIO 6



TODOS OS EPISÓDIOS EM



Precisa-se de políticas públicas de investimento e inovação

No dia 24 de junho de 2025, teve lugar o CNN Portugal Summit, dedicado ao tema da “Inovação em Saúde”. O Bastonário da Ordem dos Médicos participou nesse encontro, durante numa mesa redonda juntamente com Fernando Leal da Costa, ex-ministro da Saúde, António Lopes, Bastonário da Ordem dos Fisioterapeutas, Guilherme Gonçalves Duarte, diretor executivo da UNITE Parliamentarians Network for Global Health e com moderação de Anselmo Crespo, CNN Portugal.

Carlos Cortes, Bastonário da Ordem dos Médicos, foi contundente ao afirmar que “a inovação tem evoluído de forma exponencial”, seja na IA seja no diagnóstico e tratamento. Adicionalmente, observou que “as pessoas hoje têm uma muito melhor saúde, por isso vivem mais tempo, por isso têm mais doença” – o que exige mais cuidados a longo prazo. “E temos doenças crónicas das quais há uns anos atrás não se sobrevivia, isso aumenta muito o investimento em saúde”, alertou, indicando que temos que investir numa área fundamental: o desenvolvimento tecnológico. “É a tendência mundial”. Mas também há urgência na organização do sistema de saúde, que “no meu ponto de vista está muito aquém das necessidades”. Para Carlos Cortes, são essenciais avanços na prevenção, literacia e integração de sistemas – áreas onde a IA pode intervir

com sistemas preditivos e monitorização contínua. Salientou ainda que “aí investe-se pouco porque os resultados destas políticas só se veem ao fim de 5 ou 10 anos, por isso não é interessante para os governos”. Por isso, reforçou, é vital apostar na integração, nomeadamente em contextos como os lares, e fomentar uma cultura de educação e responsabilização, em que cada pessoa assume ser também responsável pela sua saúde. E concluiu: “aquilo em que devemos apostar é na promoção e manutenção da saúde e isso faz-se com literacia e prevenção e educação”. Carlos Cortes sublinhou, ainda, que “quem traz a inovação para Portugal são os médicos”: são eles que, “vão a congressos e a estágios e absorvem a inovação”. Nesse sentido, a profissão médica, frisou, é um motor de inovação. Nessa linha, afirmou que a tele saúde – teleconsultas e telemedicina – permitem

melhor acesso para pessoas que, por estarem fora dos centros não teriam. O Bastonário concluiu defendendo um verdadeiro “Simplex como sendo essencial para o sistema de saúde”. Se é verdade que os indicadores de saúde melhoraram muito, é chegado o momento de colocar o foco no doente – aproveitando a IA para personalizar a experiência clínica.

Na sua intervenção, Fernando Leal da Costa reforçou a ideia que “os profissionais de saúde são tudo menos resistentes à inovação”. Defendeu a importância de avaliar o que fazemos para perceber se é eficiente em termos de valor acrescentado para o doente. De forma muito enfática, defendeu “acabar com as juntas médicas e com os relatórios enormes que fazemos; perdemos horas imensas do nosso trabalho a levar doentes a juntas médicas nas quais os colegas que lá



estão, às vezes, nem olham para o doente e bastava consultar e confirmar o processo que está clinicamente fundamentado”. Se isso acontecer, concluiu: “quem o fizer já ganha o Nobel da reforma do Estado”. Por fim, Guilherme Gonçalves Duarte, diretor-executivo da UNITE Parliamentarians Network for Global Health, realçou que o SNS deve preocupar-se com interoperabilidade e segurança, desenvolvendo “soluções adaptadas aos contextos dos locais que deem aos profissionais de saúde as soluções que precisam em tempo útil”.

Portugal pode ser líder na inovação em saúde

No dia 24 de junho de 2025, durante o CNN Portugal Summit, dedicado ao tema da “Inovação em Saúde”, John C. Malone, professor de Neurociência e Neurologia na Johns Hopkins University School of Medicine, afirmou que Portugal pode ser um líder nesta área.

A própria Ministra da Saúde destacou, desde o primeiro momento, o valor que as soluções de IA trazem para os doentes, abrindo caminho a uma visão modernizada e centrada nos utentes. Adalberto Campos Fernandes, ex-ministro da Saúde, Maria do Céu Machado, ex-presidente do Infarmed, Álvaro Almeida, diretor-executivo do SNS e Joaquim Brites, presidente da APN, juntaram-se para debater os hospitais e os doentes do futuro. A moderação foi de Pedro Santos Guerreiro.

Adalberto Campos Pinheiro salientou que “temos que ser avaliados pelos resultados”, mas sublinhou que essa avaliação deve privilegiar a excelência, pois, sem ela, a sustentabilidade é um risco — não apenas em saúde, mas também em inovação, educação e ciência. Álvaro Almeida, Diretor-Executivo do SNS, admitiu “são reconhecidas as dificuldades de gestão do SNS” e explicou que o fundamental é “gerir o urgente e o importante”. Ou seja, dividir e

equilibrar a função da DE do SNS entre planeamento estratégico e a gestão das crises reiteradas. Maria do Céu Machado, ainda que não haja no momento citação disponível, trouxe ao debate o tema da inovação — reforçando a ideia de que incorporar novas tecnologias, como a IA, é vital para elevar padrões de cuidado e segurança do doente.

Numa talk moderada por Rita Rodrigues da CNN Portugal, sobre “A Inteligência Artificial na Saúde”, João Santinha, PI Laboratório IA Medicina Cirúrgica, investigador na Fundação Champalimaud, reforçou a premissa de que incorporar as novas tecnologias na medicina implica que “cada vez mais qualquer solução é avaliada de uma forma séria, tendo em vista que não deve causar dano a ninguém”. A inovação deve ser transparente, rigorosa e isenta de vieses.

Violência sobre profissionais de saúde aumentou 9% em 2024

A violência no local de trabalho afeta praticamente todos os sectores, mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o setor da saúde apresenta um maior risco (WHO, 2002).

Apesar de todos os anúncios que têm sido feitos relativamente ao aumento da prevenção da violência contra profissionais do Serviço Nacional de Saúde (SNS) e desse combate ser uma prioridade definida pela Direção Executiva do Serviço Nacional de Saúde (DE-SNS) e pela Direção-Geral da Saúde, concretizada no Plano de Ação para a Prevenção da Violência no Setor da Saúde, a verdade é que os números têm continuado a piorar.

Em Portugal, em 2024, foram comunicados 2581 episódios de violência, o que representa um aumento de 9% face a 2023, incluindo: 1703 casos de violência psicológica, 578 casos de violência física, 171 casos de assédio moral e 129 casos de outras formas ou não especificadas. Estes episódios resultaram em 1185 dias de ausência ao trabalho dos profissionais afetados.

Sendo a atratividade um dos problemas mais graves do SNS que põe em causa a fixação de profissionais, não é de relevar que as condições adversas de trabalho tornam mais difícil atrair novos médicos e reter médicos experientes, exacerbando a escassez de profissionais de saúde (EU-OSHA - Healthcare and social sector, 2014).

“A Ordem dos Médicos já transmitiu ao Ministério da Saúde um conjunto de propostas para atenuar esta situação, cada vez mais grave e inadmissível. Temos de ter tolerância zero”, defende Carlos Cortes, Bastonário da Ordem dos Médicos, realçando a importância da dissuasão. “Apesar da lei ser mais dura em casos mais extremos, a lei deveria ser mais dura em todos os casos de violência contra profissionais de saúde. Temos de ter uma lei adaptada à necessidade de travar a violência, do ponto de vista do agravamento das sanções”, frisou aos jornalistas.

“A Ordem dos Médicos já transmitiu ao Ministério da Saúde um conjunto de propostas para atenuar esta situação, cada vez mais grave e inadmissível. Temos de ter tolerância zero.”

CARLOS CORTES, Bastonário da Ordem dos médicos

Entrevista

por PAULA FORTUNATO

Miriam Maia da Silva

UM MÉDICO TEM QUE ALIAR HUMANISMO E CONHECIMENTO

Miriam Maia da Silva é médica Interna de Medicina Geral e Familiar na USF Eça no Barreiro, ULS Arco Ribeirinho; Integra os Órgãos Sociais da Sociedade Portuguesa de Medicina do Estilo de Vida (SPMEV); Pós-graduada em Nutrição Básica em Medicina Geral e Familiar; Licenciatura com mestrado integrado em Medicina, pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; Mestrado científico em Microbiologia Aplicada, pela Faculdade de Ciências e pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; Licenciatura em Microbiologia, pela Faculdade de Ciências e pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Há histórias que nascem literalmente do coração. A da médica que entrevistamos para esta edição é uma delas. Desde muito cedo, que a vida de Miriam Maia da Silva esteve ligada ao ambiente hospitalar: aos cinco anos, foi submetida a uma cirurgia cardíaca que, em vez de deixar apenas marcas de dor ou medo, lhe ofereceu memórias de cuidado, dedicação e humanismo. Foi nesse contexto, entre batas brancas, olhares atentos e gestos de ternura, que germinou a semente da vocação

médica. Anos mais tarde, essa mesma experiência transformou-se em missão: cuidar dos outros, tal como cuidaram dela. E não só pela prática clínica, mas também através das palavras e da escrita. O livro “A Menina do Coração de Latinha” é o reflexo dessa caminhada. O livro procura explicar às crianças a doença cardíaca com simplicidade e desmistificando a experiência hospitalar com o objetivo de afastar medos e ansiedades. Mais do que páginas ilustradas, este livro é também uma

ferramenta de esclarecimento e de apoio, que ajuda a desmistificar a doença cardíaca e o ambiente hospitalar junto das crianças e das suas famílias. Nesta entrevista à Ordem dos Médicos, exploramos de que forma a experiência pessoal da doença pode marcar uma vocação, influenciar a prática clínica e aproximar ainda mais o conhecimento técnico da dimensão humana tão essencial para a medicina e para a relação médico-doente.

Em que medida a experiência da doença foi determinante para a escolha da medicina?

Não sei se foi determinante, mas acho que teve, sem dúvida, o seu impacto... O contacto com o meio hospitalar e com todos os seus profissionais quando tive de ser operada ao coração aos cinco anos foi uma experiência marcante, mas pela positiva! O ambiente do Hospital de Santa Cruz em que fui acolhida, impressionou-me muito pela dedicação, preocupação e humanismo, junto de mim e da minha família. Geraram-se boas memórias apesar da minha situação clínica ser sensível. Acho que nessa altura começou a surgir uma certa ideia de retribuição, do cuidar dos outros, tal como estavam a cuidar de mim. Talvez tenha escolhido ser médica, exatamente, para cumprir essa missão e retribuir o modo delicado como trataram o meu coração.

É assim que surge este “A menina do coração de latinha”?

Nasci com um problema cardíaco complexo e tive de ser operada, primeiro aos três meses, depois aos cinco anos e, mais recentemente, aos trinta e três anos para colocar uma válvula mecânica. “A Menina do Coração de Latinha” surge essencialmente por dois motivos. O primeiro, foi para explicar às crianças a doença cardíaca e desmistificar o ambiente hospitalar e cirúrgico, tendo por base as minhas vivências e cirurgias cardíacas que foi positiva. O segundo, foi para apoiar a Associação Coragem, do Hospital de Santa Cruz, na sua missão “apoiar as crianças corajosas com todas



as formas de doença cardíaca, congénita ou adquirida, e as suas famílias”, doando todos os direitos autorais, transformado também este livro, num livro solidário.

Como é que transformou um tema tão delicado numa história acessível e acolhedora para os mais pequenos?

Foi efetivamente um grande desafio, mas contei com a colaboração de um enfermeiro e psicólogo para tentarmos, em conjunto, encontrar uma linguagem simples e clara, mas que mantivesse o rigor da mensagem a transmitir. Acho que as ilustrações ajudaram muito, já que com as palavras dão vida à história, ajudando muito a captar a atenção dos mais pequenos e a explicar todo o processo às crianças. Temos tido um excelente feedback das ilustrações do António Neves dizendo que são muito apelativas e ternurentas, contribuindo, a meu ver, para o sucesso do livro.

Enquanto médica, está habituada a dar diagnósticos. Mas o seu livro o que dá às crianças é esperança. O que é que é mais difícil: transmitir um prognóstico pouco promissor ou conseguir transmitir esperança num cenário de preocupação?

Sou uma pessoa otimista por natureza, por isso acho que prefiro transmitir sempre esperança, mesmo que o cenário seja de preocupação. O que é importante, na minha perspetiva, é exatamente explicar todo o cenário que envolve a doença. O desconhecido gera angústia, logo é fundamental explicar e desmistificar o que vai acontecer. O livro dá às crianças e pais uma ideia clara do que podem esperar através de informação simples e verdadeira acompanhada de ilustrações. Quero acreditar que é um livro que “transporta” esperança e coragem cumprindo assim a sua missão.

A Menina Do Coração De Latinha

Miriam Maia da Silva
António Neves



Qual a principal mensagem que pretende transmitir?

Acho que a principal mensagem do livro é tranquilizar a criança e os pais (dentro do possível) com a ideia de que “ser operado ao coração é uma experiência tolerável”, como sabiamente refere o Professor Doutor Queiroz e Melo no prefácio do livro, e realçar a importância que familiares, amigos e todos os profissionais de saúde têm ao longo de todo o processo. Mais do que a doença em si, é o ambiente à volta da criança que gera memórias, que esperamos que sejam agradáveis apesar do sofrimento, tal como aconteceu comigo.

Já teve feedback de leitores pequeninos ou pais que a tenha tocado de forma especial com o seu livro?

Sim, já tenho tido alguns feedbacks a partir das redes sociais, mas que depois se transformam, rapidamente, em momentos “reais” de partilha. Tenho o exemplo concreto de uma mãe que teve conhecimento do livro por uma educadora de infância. O livro chegou um dia antes de a filha ser operada ao coração, precisamente no Hospital de Santa Cruz. Leram-no... mãe e filha perceberam como “tudo se ia desenrolar” e

isso gerou alguma tranquilidade...

A menina quis, inclusive, levar o livro consigo para o hospital. Quando foi recebida no hospital estabeleceu, intuitivamente, a comparação com a Mia, a personagem principal, que é também recebida pelos enfermeiros, médicos e auxiliares. O facto de perceberem o que vai acontecer, ao longo de todo o processo, e de as crianças se poderem identificar com as personagens, ajuda muito a tranquilizar. Depois de a menina ser operada fui sabendo da sua recuperação e escrevi-lhe uma carta. Ganhei uma nova amiga com um coração especial e corajoso! Sei que também usou o livro, ao ler a sua história, para explicar aos seus colegas da escola o motivo da sua ausência. Este foi um testemunho muito especial para mim por ter sido tão emotivo e pelo efeito de surpresa pois surgiu logo a seguir ao lançamento. Percebemos a importância, de algo “tão simples” como um livro face a uma cirurgia cardíaca, quando recebemos mensagens como a desta mãe.



Estava tudo pronto! Mia ia adormecer e sonhar com o céu estrelado, que tanto gostava, da sua querida aldeia das Hortinhas... e quando acordasse o seu pequeno coraçãozinho já estaria a funcionar com a ajuda da "tal peça"!

28

E agora, já adulta, como analisa que se sente um médico quando se vê na posição de doente?

Pode parecer estranho, mas acho que se sente numa posição privilegiada e enriquecida. Quando experimentamos a posição de doentes temos inevitavelmente outra visão. Ter nascido com uma doença cardíaca complexa, criou em mim uma sensibilidade diferente. A vivência dos sintomas, do diagnóstico e do tratamento do lado do doente, oferece sempre uma perspetiva mais realista, compreensível e empática da doença ao profissional médico. A experiência pessoal deu-me, também, um entendimento mais profundo quanto aos desafios físicos e emocionais que estão

associados à doença. A vivência pessoal da doença pode trazer até mais conhecimento (daquele que não está nos livros) e até melhorar a nossa prática, pelos menos é assim que vejo.

Acha que existe uma lacuna entre o médico-técnico e o médico-humano? Quer elaborar?

Quero acreditar que não... para muitas situações clínicas é preciso manter alguma objetividade e frieza, e isso, por vezes, pode ser confundido com pouca sensibilidade por parte do médico. É claro que é sempre possível fazer progressos num relacionamento mais humanista.

Acho que a medicina só se pode exercer com humanismo, com coração, tendo como principal foco a pessoa (tanto ou mais do que o doente). Aliar o humanismo ao conhecimento técnico-científico, parece-me ser, sempre uma equipa ganhadora!

Fora de Ordem

Porque devo investir?

Eduardo Nunes, Sub-Diretor Intermediação Financeira, BiG

Os temas de literacia financeira podem contribuir com novas perspetivas para a saúde financeira dos médicos promovendo uma abordagem informada e consistente, orientada para alcançar as metas traçadas. Neste artigo são apresentadas as razões pelas quais devemos investir, sendo dadas pistas sobre qual a melhor altura para o fazer. Sabia que, com o passar do tempo, deixar o dinheiro parado pode significar perda de poder de compra e de poupança? Investir é essencial para proteger e aumentar recursos, gerar riqueza e alcançar objetivos pessoais e financeiros.



A forma como cada um interage com o seu dinheiro é um tema cada vez mais importante e com um elevado impacto na evolução da sua vida pessoal e financeira. Incluir o investimento como parte do planeamento financeiro poderá aportar consideráveis benefícios ao longo do tempo e ajudar a alcançar tanto objetivos financeiros como pessoais. Elencam-se variados motivos pelos quais o investimento ganha uma relevância cada vez maior ao longo do tempo, seja numa perspetiva de conservação do

poder de compra, oportunidade de retornos positivos ao longo do tempo, planejar o futuro, entre outros fatores.

A inflação é o maior inimigo do dinheiro

A inflação é definida como a taxa de crescimento dos preços na economia – a evolução de preço de um cabaz-tipo de bens essenciais para as famílias. Uma taxa inflacionista superior a zero implica um incremento geral dos preços de tais bens na economia, obrigando cada família e cada

pessoa a gastar mais dinheiro para comprar os mesmos bens e serviços.

Assim, a inflação tem um efeito muito prejudicial tanto no poder de compra como também no valor real das poupanças de cada um, e este efeito de destruição de valor tende a acentuar-se de forma cada vez mais acelerada à medida que o tempo decorre. Este é o principal inimigo, ainda que invisível, do dinheiro, prejudicando o poder de compra, a poupança e a criação de riqueza.

A título de exemplo, um cabaz-tipo de bens e serviços que custava 100€ há 20 anos, custa agora mais de 170€. Por outro lado, 10.000€ poupados no ano de 2000 valem agora menos de 6.000€.

Historicamente, o investimento contínuo nos mercados financeiros (considerando para o efeito índices acionistas e obrigacionistas de referência) tem mostrado ser das principais formas de preservação e incremento do poder de compra e do valor real do dinheiro. De facto, a título de exemplo, o principal índice diversificado de ações dos Estados Unidos (S&P500) apresenta valorizações médias anualizadas próximas de 10% ao longo das últimas décadas.

O poder do tempo no investimento

A simples passagem do tempo tem ajudado a que os investidores atinjam retornos positivos e crescentes tanto nos mercados acionistas como obrigacionistas. O foco no longo prazo e uma abordagem mais passiva ao investir nos mercados financeiros tem por si só contribuído para o alcance de melhores resultados.

Por exemplo, voltando a considerar o índice acionista S&P500 que agrega as principais 500 empresas norte-americanas hierarquizadas pela sua capitalização de mercado, verificam-se os seguintes dados:

- O índice apresentou valorizações médias anualizadas entre os 8% e 10% ao longo dos últimos 30 anos;
- Ao longo das últimas décadas, um investimento mantido no S&P 500 durante pelo menos 5 anos obteve um retorno positivo em cerca de 85% dos casos. Esta percentagem incrementa-se para mais de 90% quando ao longo do tempo o período de manutenção do investimento foi de 10 anos;
- Um investimento mantido no índice S&P500 durante 20 anos consecutivos, em qualquer período, teria providenciado ao investidor um retorno médio anualizado superior a 17% no melhor cenário, e no pior cenário um retorno médio anualizado ainda positivo superior a 2%.

Ao longo do tempo, foi e será inevitável que aconteçam catalisadores negativos para o desempenho dos negócios das empresas, para os seus resultados corporativos, e por isso para o sentimento dos investidores e retornos dos mercados financeiros. Verificar-se-ão sempre períodos desfavoráveis e de retornos negativos, mas se o investidor permanecer focado no investimento a longo prazo de forma conhecedora e disciplinada estará mais perto de alcançar melhores resultados ao longo do tempo.

Por isso, iniciar a jornada de investimento o mais cedo possível, mesmo que seja por via de contribuições relativamente reduzidas, poderá apresentar um impacto financeiro expressivo ao longo do tempo, beneficiando do efeito de juro composto que tenderá a acelerar a magnitude dos retornos à medida que o tempo passa.

Tendo em conta o efeito destrutivo que a inflação tem no valor real do dinheiro, assim como os benefícios que a passagem do tempo naturalmente traz nos investimentos, pode-se afirmar que manter o dinheiro parado apresenta riscos significativos, entre os quais a erosão do poder de compra e das poupanças, assim como o custo de oportunidade de não investir. Independentemente do perfil de investidor e preferências, investir deve ser um tema considerado no intuito de manter ou incrementar o poder de compra, gerar riqueza ao longo do tempo assim como alcançar diversos outros objetivos financeiros e não só. Iniciar e desenvolver a jornada de investimento de forma informada, consistente e disciplinada deverá ajudar cada indivíduo a estar mais perto dos seus objetivos.

Nota do autor: Retornos e desempenho passados não deverão em momento algum ser considerados como garantias de retornos e desempenho futuros.

BiG.

Protocolo BiG & Ordem dos Médicos

Para cuidar da sua saúde financeira.

PUB

Com o BiG tem acesso a condições especiais para fazer mais pelas suas poupanças e investimentos.

Abra conta e garanta o acompanhamento personalizado de um consultor de investimento para otimizar a sua saúde financeira.

Mínimo de abertura de conta: 2.000€

Quer saber mais sobre as condições do Protocolo BiG & Ordem dos Médicos?

Leia este QRCode



Conta sem comissões



**Depósitos especiais
Ordem dos Médicos**



Check-up financeiro gratuito



Preçário exclusivo

Opinião

por RÚBEN MIGUEL MAMEDE CARDOSO

Médico Interno de 3º ano de Medicina Geral e Familiar - USF Sol - ULSAC



Nosocomefobia, crise na saúde e os 1167 espartanos

Em pleno ano de 2025, num mundo pós-covid e numa sociedade que augurou durante a pandemia que “*andrà tuo bene*”, deparamo-nos com novos desafios e dificuldades, algumas inerentes ao passado recente e outras a um arrastamento de vicissitudes das últimas décadas.

Desde os primórdios da humanidade que a população procura nos indivíduos com conhecimento médico a cura e auxílio na doença, mas desde o ano de 2020 que nos deparamos com uma nova realidade: a nosocomefobia, ou seja, o medo às instituições e profissionais da saúde. Esta reação parece dever-se ao culminar de uma crise sem precedentes em diversos âmbitos do Serviço Nacional de Saúde, como são a falta de profissionais, a escassa literacia para a saúde, as constantes notícias de colapso das urgências e os resquícios deixados pelo medo associado aos anos da pandemia. Também é de vital importância referir que a inexistente presença de médicos e enfermeiros nos meios digitais deixou vazio o papel que lhes é inerente, dando lugar a novos

“*gurus influencers*” da pseudo-medicina que, na esmagadora maioria dos casos, destilam nas redes sociais mitos urbanos sobre os cuidados de saúde, assimilados sem espírito crítico e científico, contribuindo deste modo para a desinformação e pouco esclarecimento das populações.

Como consequência da pandemia de COVID-19 seria esperável um aumento da literacia em saúde e uma resposta mais eficiente por parte dos serviços, da qual resultaria uma melhor utilização das intuições. No entanto, tem-se observado como começam a ser movo de consulta de agudos, em unidades urbanas com hospitais a escassos quilómetros, patologia do âmbito da urgência hospitalar. Esta nova realidade advém de tudo o que foi referido anteriormente e deve-nos fazer refletir, enquanto sociedade, qual é o caminho que queremos seguir. As palmas substituíram-se por assobios e críticas ferozes nos platôs de televisão e diretos das redes sociais. O desalento nos profissionais começa a deixar de circunscrever-se ao desabafo entre pares e translada-se ao *burnout* de enfermeiros,

médicos e auxiliares de saúde, às aposentações precoces, à brutal translação de profissionais para o sector privado ou à emigração de jovens profissionais, criando assim um ciclo vicioso que, se não se travar nos próximos meses, poderá modificar para sempre a nossa concepção e realidade de SNS.

Poderá parecer que só existem consequências diretas da inexistência de cuidados de saúde, como são os tempos de espera na urgência, mas a realidade é bem mais abrangente e assustadora, uma vez que existem tantas vítimas colaterais da actual realidade nacional, com nome e apelidos.

Em síntese e atendendo ao que assistimos, a triste rotura nos Serviços de Urgência está a ser colmatada, em parte, pelos cuidados de saúde primários que, uma vez mais, demonstram ser o último baluarte do SNS. A pergunta que nos devemos fazer é: até quando aguentaremos os 1167 espartanos Centros de Saúde a sustentar a última linha de combate?

Opinião

por DIREÇÃO DO COLÉGIO DA COMPETÊNCIA EM GESTÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Alexandra Machado e colegas

Os Médicos na Governança das Instituições de Saúde: Um Equilíbrio Delicado

A participação dos médicos na governança de Instituições de Saúde é um tema debatido há décadas e está cada vez mais integrado nas estratégias de gestão. Os seus defensores argumentam que os médicos, dotados da sua *expertise* clínica única e um foco centrado no doente, estão melhor posicionados para liderar a tomada de decisões que impactam diretamente os cuidados de saúde prestados. Os oponentes levantam preocupações sobre potenciais e eventuais conflitos de interesse e a necessidade de perspetivas diversas na liderança destas Instituições.

Esgrimem-se a favor os seguintes argumentos:

Expertise Clínica: Os médicos possuem uma compreensão profunda da complexidade dos cuidados ao doente e dos desafios enfrentados pelos profissionais de saúde. Esse conhecimento clínico permite-lhes tomar decisões informadas sobre a alocação de recursos, a adoção de novas tecnologias e dos protocolos clínicos que impactam diretamente os resultados.

- **Qualidade dos Cuidados:** A presença de médicos na governança tende a defender iniciativas que melhoram a segurança do doente, a reduzir erros médicos e promove práticas baseadas em evidência científica. Garante ainda que as preocupações clínicas sejam priorizadas na definição das políticas de saúde.
- **Compromisso dos Médicos:** Quando os médicos estão envolvidos nas decisões, existe uma natural responsabilização, envolvimento e compromisso dentro da equipa de profissionais de saúde, o que conduz a uma melhor colaboração e torna o ambiente de trabalho mais favorável.
- **Direção Estratégica:** Líderes médicos dominam *insights* valiosos sobre tendências futuras na medicina e na prestação de cuidados de saúde. A sua elevada qualificação e o seu conhecimento diferenciado ajudam as instituições de saúde a desenvolver planos estratégicos que abordem as necessidades dos doentes, os avanços tecnológicos e as mudanças tecnológicas

e na regulamentação de saúde. Por outro lado, a Liderança Médica nas Instituições de Saúde é a que melhor representa e abarca as necessidades e especificidades dos doentes incluindo na decisão as especificidades dos destinatários.

Contrapõem-se os seguintes desafios:

- **Conflitos de Interesse:** Os médicos podem favorecer procedimentos que se traduzam em benefícios e/ou interesses pessoais. Assim, políticas robustas de conflito de interesses e processos de tomada de decisão transparentes são cruciais para mitigar essas preocupações.
- **Reduzida qualificação nas áreas de gestão financeira/económica:** Embora os médicos se destaquem na prática clínica, podem não ter o mesmo nível de *expertise* em áreas como finanças, recursos humanos ou legislação. A governança médica eficaz exige uma maior formação nesta área, e a colaboração de administradores e outros profissionais experientes.

- **Compromisso de Tempo:** Adicionar tarefas de governança a uma carga de trabalho clínica já por si exigente pode representar um ónus significativo para os médicos. Encontrar formas inovadoras de estruturar a participação na governança, como consultoria ou mandatos com tempo limitado, pode ajudar a gerir as preocupações com a carga de trabalho.
- **Representação e Diversidade:** É importante que a liderança reflita a diversidade da equipa médica e da população de utentes. Mecanismos para a participação alargada de diferentes especialidades e grupos interessados podem criar uma estrutura de governança mais inclusiva e representativa.

Na procura do equilíbrio:

Encontrar um equilíbrio adequado para a participação médica na governança clínica é fundamental. Podemos considerar alguns pontos estratégicos:

- **Modelos Híbridos de Governança:** As instituições podem criar estruturas, onde os médicos possam colaborar com administradores e outros gestores experientes para garantir uma perspetiva holística na tomada de decisões.
- **Programas de Desenvolvimento de Liderança Médica:** Desenvolver os conhecimentos nas áreas de gestão e negócios e as competências de liderança dos médicos para assegurar a sua preparação para funções de governança.
- **Limites de Mandato e Rotação:** A necessária rotação de posições de governança entre os médicos pode garantir novas perspetivas e evitar o exercício de influência indevida.
- **Transparência e Responsabilidade:** Canais de comunicação abertos e relatórios escrutináveis das decisões de governança são vitais para promover a confiança e permitir que as partes interessadas compreendam a lógica em que se basearam as políticas.

Conclusão

A governança médica tem o potencial de melhorar o cuidado ao doente, aumentar o compromisso dos médicos e conduzir as instituições de saúde a um futuro mais sustentável. No entanto, é necessário preparação e precaução para tais desafios. Ao empregar modelos equilibrados, promover a participação coletiva e a transparência, as instituições de saúde podem alavancar a *expertise* única dos seus líderes médicos enquanto mitigam os seus riscos potenciais. Em última análise, o objetivo é criar uma estrutura de governança que vá ao encontro do melhor interesse dos doentes, dos médicos e do sistema de saúde como um todo.

Opinião

por ANA QUARESMA CARRAPATO

Médica Interna de 4º ano de Medicina Geral e Familiar



A empatia é essencial e insubstituível

Adoro o ambiente de consulta. Quando o doente entra, se não o conheço, estou imediatamente a avaliá-lo da cabeça aos pés. A forma como anda, como me cumprimenta, o que traz consigo, quem o acompanha, a relação entre eles, tudo. Nos mesmos instantes sei que o doente está a fazer o mesmo. É humano e como médicos temos obrigação de saber como funciona.

O que se passa nos minutos seguintes é fulcral para definir como decorrerá toda a consulta, é o momento em que se estabelece a empatia. É ali ou depois já é mais difícil (mas não impossível). Quando entra no gabinete, o doente deve sentir-se seguro para falar sobre si próprio em todas as dimensões, por vezes sobre condições que não conta à sua mãe, e isso deve ser proporcionado pelo médico que tem à frente.

Quando dou consultas trago comigo toda a minha bagagem emocional, social, cultural e ética, convenhamos, não as conseguimos deixar fora do gabinete como o carro que fica estacionado lá fora. E o doente também não. E nesse espaço de partilha que é o gabinete, tem de haver espaço para nós dois. E depois tenho de usar tudo o que tenho ao meu alcance para chegar ao doente. Este não está lá para me facilitar o trabalho, nem para me dar uma história de livro com os nomes técnicos. Não foi à consulta para me estragar o dia nem para me atrasar a hora do almoço nem a hora do café. Se

foi é porque tem algum motivo. O meu trabalho é descascar toda a cebola de informação irrelevante e chegar ao centro da questão. Por vezes o doente vai passar-me rasteiras, apenas para ver se estou atenta. No fundo é um trabalho de detetive e de saber ler nas entrelinhas. Na verdade, a maioria dos doentes apenas quer o seu problema resolvido, por isso adaptam o discurso e a queixa à pessoa que têm à frente, o que também é humano. E depois andam de médico em médico, levam e trazem o diz que disse e é todo um emaranhado de medicamentos, exames e diagnósticos.

Quando temos um problema de saúde, seja ele qual for, estamos vulneráveis, toda a gente já passou por isso. E é nessas alturas que a empatia se torna essencial. Se o doente não se sente seguro e compreendido, independentemente do que o traz a nós, não vai contar a história completa, não vai revelar os principais motivos e seguramente não ficará com o seu problema resolvido. Nesse caso, o que estou lá a fazer?

Passados os primeiros minutos, com o doente compreendido e apaziguado, há que desligar o modo empático e ligar o modo técnico. Apenas neste modo é possível fazer um bom exame físico, avaliar os sinais da máquina, excluir o mais grave ou detetar logo a maleita. Se não, identificar os próximos passos da marcha diagnóstica.

Claro que nesta altura o doente,

que não me conhece de lado nenhum, já confia em mim. Não obstante, vai estar atento a todas as expressões faciais que vou fazendo. Vai entrar também ele em modo detetive e tentar perceber se é grave ou não.

Em seguida é crucial partilhar com o doente o que concluímos no exame físico. O corpo é dele, nós somos apenas os mensageiros. E a mensagem deve ser transmitida de forma clara, sem interferências do nosso ego.

O doente sai, concluímos os registos e a seguir entra outro. Novo doente, outros problemas e mais um mistério para resolver. Nada disto é possível sem ter tempo para respirar.

Está provado que quando somos empáticos trazemos um pouco do problema do outro connosco. São ossos do ofício. No dia em que certas histórias me passarem ao lado arrumo o estetoscópio.

É por este motivo que o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal assume especial relevância no caso dos médicos. Não é um luxo, é sobrevivência. E é por isso que o paradigma de ter médicos a trabalhar horas sem fim e sem ter vida própria está a acabar. A nova geração de médicos aprendeu a lição e não quer viver para trabalhar, depois de sacrificar já tanto por um lugar ao sol.

Vivemos tempos conturbados no que respeita ao nosso lugar e à nossa função como seres humanos, por isso, não deixemos que as máquinas nos substituam naquilo que fazemos melhor, ter empatia pelo outro.

Opinião

por MIGUEL GUERRA

Médico Cirurgião Cardiorádico, ULSGE | Coordenador da Cirurgia Torácica, Hospital CUF Porto
Professor Universitário da Faculdade de Medicina do Porto



A Reforma do SNS: Um Desafio Inadiável

(Uma ideia, porventura utópica, de quem olha para o SNS de dentro, mas também desde a concorrência privada e com uma visão académica, mas sem constrangimentos ideológicos nem partidários)

O Serviço Nacional de Saúde (SNS) tem sido, desde a sua criação, um dos pilares essenciais da sociedade portuguesa, assegurando o direito universal à saúde. No entanto, a sua capacidade de resposta tem vindo a degradar-se, levantando questões prementes sobre a sua sustentabilidade e eficácia. A necessidade de reforma tornou-se incontornável, mas as soluções adotadas até agora parecem não estar a corresponder às expectativas.

A recente implementação das Unidades Locais de Saúde (ULS), que substituíram as Administrações Regionais de Saúde (ARS), foi apresentada como uma solução para melhorar a gestão e a eficiência dos serviços. Contudo, na prática, o cenário não se alterou significativamente. Pelo contrário, têm-se multiplicado comissões para reavaliar processos já consolidados, resultando num aumento de custos administrativos e numa maior complexidade burocrática, sem benefícios visíveis para os utentes.

Os dados da Entidade Reguladora da Saúde (ERS) revelam que os tempos de espera para

consultas de especialidade continuam excessivamente longos, particularmente em áreas críticas como a Oncologia e a Cardiologia, onde um diagnóstico ou tratamento tardio pode ter consequências fatais. Esta realidade contraria o princípio fundamental do SNS de garantir cuidados atempados e acessíveis a todos.

Perante a incapacidade do sistema público em assegurar uma resposta eficiente, cresce o número de cidadãos que recorrem ao setor privado, solução que está apenas ao alcance de quem dispõe de recursos financeiros. A consequência é clara: um SNS que deveria ser universal está a tornar-se cada vez mais excludente, aprofundando desigualdades no acesso à saúde.

A reforma do SNS não pode ser apenas um ajuste pontual na estrutura existente; exige uma transformação profunda e estratégica. A primeira medida essencial é garantir autonomia financeira ao Ministério da Saúde, permitindo-lhe gerir os seus próprios recursos, independentemente das restrições orçamentais impostas pelo Ministério das Finanças. Um modelo de financiamento próprio, seja através da consignação de impostos ou de uma contribuição social específica, permitiria um planeamento de longo prazo e evitaria decisões dependentes dos ciclos políticos.

Além disso, é fundamental descentralizar a gestão do SNS, criando subsistemas públicos que concorram entre si na organização dos serviços. Em vez de um monólito administrativo, cada subsistema poderia estruturar a prestação de cuidados de forma mais eficiente, adaptando-se às necessidades locais. A separação clara entre financiadores e prestadores de serviços ajudaria a reduzir ineficiências e a garantir uma gestão mais transparente.

A curto prazo, algumas medidas podem ser implementadas sem necessidade de grandes debates legislativos. É urgente garantir autonomia real na contratação de profissionais de saúde, definir com clareza quem é responsável pela sua remuneração e assegurar que as ULS dispõem de autonomia financeira efetiva. A eliminação das atuais tensões no financiamento hospitalar, causadas pela coexistência de diferentes modelos de pagamento, ajudaria também a melhorar a eficiência do sistema.

Por fim, a valorização dos profissionais de saúde deve ser uma prioridade. Um sistema de remuneração adequado, associado a objetivos concretos de qualidade e eficiência, permitiria não só reter talento no SNS, mas também melhorar a motivação e o compromisso dos profissionais com o serviço público.



Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência
Under the High Patronage of the
President of the Portuguese Republic



O Presidente da República

28^º

CONGRESSO
NACIONAL DA
ORDEM DOS
MÉDICOS

Um Rumo para a Saúde

28 e 29 NOV 2025

Convento São Francisco
Coimbra

SAVE THE DATE



PRÉMIO Bial



DE MEDICINA CLÍNICA 2026

Regulamento disponível em:
www.bialfoundation.com

Prazo de Candidaturas:
1 de janeiro a 31 de agosto de 2026

Comece já a preparar a sua obra! Submeta a candidatura a partir de 1 de janeiro de 2026.

Prémio Bial de Medicina Clínica 2026 | € 100.000 + Publicação primeira edição

Menções Honrosas (máximo duas) | € 10.000

Visa galardoar uma obra intelectual original, com uma componente de investigação clínica associada, que represente um trabalho com resultados de grande qualidade e relevância. Pelo menos um dos autores tem de ser médico nacional de um país de expressão oficial portuguesa.

Presidente do Júri | Jaime Branco

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELENCIA



O Presidente da República



ORDEM
DOS MÉDICOS

FUNDAÇÃO
Bial
Instituição de utilidade pública